



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ANTROPOLOGIA

MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

**Intervenções urbanas e ressignificações no centro de Aracaju: um
estudo acerca do Beco dos Cocos**

Elayne Messias Passos

Orientador:

Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael

São Cristóvão

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

**Intervenções urbanas e ressignificações no centro de Aracaju: um
estudo acerca do Beco dos Cocos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Antropologia.

Orientador:

Prof.: Dr. Ulisses Neves Rafael

São Cristóvão

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

**Intervenções urbanas e ressignificações no centro de Aracaju: um
estudo acerca do Beco dos Cocos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Antropologia.

São Cristóvão, 02 de agosto de 2013.

Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael (UFS) – Orientador

Profa. Dra. Yvonne Maggie (IFCS - UFRJ)

Prof. Dr. Gilson Rambelli (UFS)

AGRADECIMENTOS

Começar a agradecer não foi tão fácil como eu imaginava. Nesse momento, estou tomada por uma emoção indescritível, pois a construção desse trabalho se deu a muitas mãos, que deixaram suas marcas em cada linha aqui escrita, e não sei se serei capaz de demonstrar a minha gratidão por tanta ajuda e companheirismo.

Agradeço aos meus pais, Antônio e Ana, irmãos Elysson e Euler, e sobrinhos Gabriel e Eduardo, por me amarem incondicionalmente, especialmente a minha mãe, por ter me ensinado cedo a ler e, desde já, ter despertado em mim o gosto pelas palavras.

Obrigada aos meus colegas de mestrado, muitos se tornaram grandes amigos, como Tânia, Juninho, Joana, Dani.

Obrigada também as minhas amigas do coração, Rafaela, Vanessa, Juliane, a Díjna em especial, por todo apoio dado nas pesquisas de campo, sua companhia foi fundamental.

Aos meus sogros Anete e Alípio (*in memorian*) e cunhados Pinho e Vitória, por me acolherem em seu seio familiar.

Aos meus amados alunos de Pedra Mole, que tanto se orgulham de mim! Obrigada mil vezes, não é fácil enfrentar a dureza do sertão, e mesmo assim, com toda a dificuldade, assistir minhas aulas de história, com paciência e respeito. O que falar dos meus pupilos da EJA, em Frei Paulo? Trabalham o dia inteiro na Azaléia, e todo dia levam o lanche da professora tagarela, pão quentinho, manteiga da terra, chocolate infinito, todos querendo me engordar, obrigada.

Aos professores Dr. Gilson Rambelli e Dr. Luiz Gustavo, obrigada por todas as contribuições dadas na minha qualificação.

Aos funcionários do Núcleo de Pesquisa e Pós-graduação em Antropologia da UFS.

À Capes, pela bolsa de estudos de demanda social.

Para Ulisses, reservei esse espaço. O que dizer de você? Meu amigo, conselheiro, pai não vou dizer, pois você é muito moço para ter uma filha da minha idade. Um obrigada não é suficiente para definir o seu papel no desenvolvimento dessa dissertação. Sempre paciente, disposto a ajudar, me faltam palavras neste momento. Enfim, gostaria de dizer que você é um exemplo para mim e que me orgulho muito de ter tido a oportunidade de ser sua orientanda. Você me ensinou não apenas

nas salas da Universidade, me ensinou a cada telefonema, a cada e-mail, me ensinou a ser uma pessoa melhor. Espero nunca lhe decepcionar, e sempre valorizar todos os seus ensinamentos. Obrigada, meu amigo, você personifica o significado de ser professor!

Por último, gostaria de agradecer ao meu melhor leitor, aquele que desconsidera meu português vulgar, que é capaz de ler teoria antropológica comigo, o meu mecenas, o meu amor. Igor, você sabe o quanto me ajuda, o quanto me inspira! Obrigada pela paciência, por compreender as minhas constantes oscilações de humor, por revisar o meu texto, por perder noites ouvindo minhas queixas. Meu amor, são tantas coisas para agradecer, que não caberia neste texto elencá-las. Não tenho o seu talento com a escrita, muito menos a sua sensibilidade, mas quero que saiba que nem nos meus maiores sonhos, nem no meu inconsciente, imaginei encontrar alguém como você. Nosso encontro foi de alma, daqueles encontros raros. Teve sabor agridoce, um cheiro de mato. Leve como uma pluma, mas intenso, de fato!

RESUMO

Aracaju, capital sergipana, foi fundada em 17 de março de 1855, a partir de um projeto arquitetônico peculiar, que estruturava a cidade tal qual um tabuleiro de xadrez, com o suposto intuito de privilegiar as classes mais abastadas socialmente, em detrimento dos grupos menos favorecidos, excluídos dos espaços principais da urbe. Nesse mesmo horizonte histórico, surgiu o Beco dos Cocos, travessa que funcionava, primordialmente, como rota de passagem para o desembarque e abastecimento de cocos no incipiente comércio central aracajuano. No curso dos tempos, o Beco transformou-se de um simples local de passagem de cargas a um reduto boêmio, endereço de famosos cabarés, convertendo-se, depois, também em uma das maiores zonas tráfico de entorpecentes da capital sergipana, até se tornar o que é hoje, quase que um banheiro a céu aberto. A problemática central deste trabalho é, a partir de um recorte microscópico, de uma categoria pouco estudada na Antropologia Urbana, o beco, analisar e compreender uma variedade preciosa de objetos e indagações acerca do funcionamento de uma cidade, das relações que podem existir e se constituir ao longo de uma travessa, de sua história e, como tais movimentos revelam o cotidiano da vida urbana contemporânea. Partindo dessa premissa, esta pesquisa pretende explicar as transformações estéticas e sociais ocorridas no Beco dos Cocos, o processo histórico de marginalização de um lugar tão rico culturalmente e as respectivas consequências das intervenções e ressignificações no local; e examinar até que ponto a presença do Poder Público foi determinante nesse processo. Sob esse aspecto, o estudo volta-se a construir a história do Beco dos Cocos concomitante à edificação de Aracaju, conhecida por alguns, como a primeira cidade planejada do país, a fim de, reduzindo a dimensão heterogênea da cidade ao micro, destrinchar as mais variadas imagens da vida social e cultural de determinadas épocas, compreender o fenômeno urbano e as formas de sociabilidade presentes na urbe.

PALAVRAS-CHAVE: Beco dos Cocos; Antropologia Urbana; Aracaju.

ABSTRACT

Aracaju, capital of Sergipe, was inaugurated on March 17, 1855, from a unique architectural design, which structured the city just like a chessboard, with the aim of favoring the wealthier social classes, at the expense of disadvantaged groups excluded from the main spaces of the metropolis. That same historical horizon came the Beco dos Cocos, alleyway which functioned primarily as a transit route for landing and supply of coconuts in the fledgling central trade of Aracaju. In the course of time, the alley became a simple crossing point leads to a bohemian enclave, address famous cabarets, becoming then one of the largest areas of prostitution and drug trafficking of the capital of Sergipe, until become what it is today, almost an open bathroom. The central issue guiding this work is, from a microscopic cut, a category scarcely studied in Urban Anthropology, the alley, analyze and understand a variety of precious objects and questions about the functioning of a city, the relationships that may exist and constitute over a platter, its history, and as such movements reveal the daily life of contemporary urban life. From this premise, this research attempts to explain the aesthetic and social transformations occurring in the Beco dos Cocos, the historical process of marginalization of a place so culturally rich and the consequences of interventions and new meanings in this place and to examine to what extent the presence of Government was instrumental in that. In this context, the study turns to build the story of Beco dos Cocos concomitant building of Aracaju, known by some as the first planned city of the country, in order to reducing the size of the city to the heterogeneous micro, untangling the most images of varied social and cultural life of certain times, to understand the phenomenon and urban forms of sociability in the metropolis.

KEYWORDS: Beco dos Cocos; Urban Anthropology; Aracaju.

RÉSUMÉ

Aracaju, capitale de Sergipe, a été inauguré le 17 Mars 1855, à partir d'un design architectural unique, qui structurait la ville comme un échiquier, avec le but de favoriser les classes sociales les plus riches, au détriment des groupes défavorisés exclues des principales places de la métropole. Ce même horizon historique est venu le Beco dos Cocos, allée qui a fonctionné principalement comme une zone de transit pour l'atterrissage et la fourniture de noix de coco dans le commerce naissant central de Aracaju. Au cours du temps, le beco est devenu un simple croisement des charges ponctuelles à une enclave bohème, face cabarets, devenant alors l'un des plus grands domaines de la prostitution et du capital de trafic de drogue de Sergipe, jusqu'à ce que devenir ce qu'elle est aujourd'hui, presque une salle de bains ouverte. La question centrale guider ce travail est, d'une coupe microscopique, une catégorie à peine étudié en anthropologie urbaine, la ruelle, d'analyser et de comprendre une variété d'objets précieux et des questions sur le fonctionnement d'une ville, les relations qui peuvent exister et constituent plus un plateau, son histoire, et que ces mouvements témoignent de la vie quotidienne de la vie urbaine contemporaine. A partir de cette prémisse, cette recherche tente d'expliquer les transformations esthétiques et sociales qui se produisent dans le Beco dos Cocos, le processus historique de la marginalisation d'un lieu si riche en culture et les conséquences des interventions et de nouvelles significations en place et d'examiner dans quelle mesure la présence de gouvernement a contribué à cela. Dans ce contexte, l'étude met à construire l'histoire de Beco dos Cocos construction concomitante d'Aracaju, connu par certains comme la première ville planifiée du pays, afin de réduire la taille de la ville au micro hétérogène, démêler le plus images de la vie sociale et culturelle variée de certains moments, pour comprendre le phénomène urbain et les formes de sociabilité dans la métropole.

Mots-clés: Beco dos Cocos; Anthropologie Urbaine; Aracaju.

Venho de um Cuiabá de garimpo e de ruelas entortadas.
Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha, onde nasci.
Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.
Aprecio viver em lugares decadentes pois gosto de estar entre pedras e lagartos.
Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.
Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto como que desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças.
Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo.
Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.
Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de gado. Os bois me recriam.
Agora eu sou tão ocaso!
Estou na categoria de sofrer do moral, porque só faço coisas inúteis.
No meu morrer tem uma dor de árvore.

(Manoel de Barros, 2008)

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Beco do açúcar – década de 1920.	39
Imagem 2 – Travessa Deusdeth Fontes – década de 1980	40
Imagem 3 – Travessa Deusdeth Fontes na atualidade. Foto: José de Oliveira B. Filho.	41
Imagem 4 – Mapa de Aracaju - 1855. Fonte: Revista de Aracaju nº 02 – 1944. Na segunda etapa buscamos mostrar, através do <i>Google Earth</i> , a imagem mais moderna da cidade, em comparação ao mapa original da capital sergipana. Em marcação azul, vemos que, possivelmente, o canal da ponta do Tramandaí foi antropizado e transformado em canais de esgotamento sanitário. Já a marcação em vermelho mostra-nos o local onde foram levantadas as primeiras edificações de Aracaju, conforme mapa de 1855.	52
Imagem 5 – Planta de Aracaju – 1857. Fonte: Revista de Aracaju nº 2 – 1944.	53
Imagem 6 – Mapa delimitando o Centro Histórico de Aracaju, com marcações referentes ao prédio da Alfândega (em amarelo), que se mantém no mesmo lugar onde foi construído, e a provável localização da Mesa de Renda (em roxo).	54
Imagem 7 – Antigo prédio da Alfândega, s/d. Fonte: SILVA, Clodomir. Álbum de Sergipe - 1820-1920.	56
Imagem 8 – Prédio da Alfândega na atualidade. A visão que se tem é a partir da - Praça General Valadão, estando o seu fundo voltado para a Av. Ivo do Prado que margeia todo o curso do Rio Sergipe, no trecho em que ele percorre a região central da cidade.	56
Imagem 09 – Fachada da boate “Dancing Xangai” na atualidade. Foto: Elayne Passos.	61
Imagem 10 – Alguns usuários de <i>crack</i> no Beco dos Cocos. Foto: Ana Lícia Menezes.	62
Imagem 11 – Provável localização atual do antigo prédio do <i>Vaticano</i> - Google Earth.	65
Imagem 12 – Construção conhecida como “Vaticano”, antigo reduto da boemia aracajuana. Foto Arquivo: Murillo Melins.	66
Imagem 13 – Centro Histórico de Aracaju, perspectiva do rio Sergipe, com uma visão do que antes era o “Vaticano”, mais à esquerda. Exatamente atrás dessa faixa de prédios, onde lemos “Mendonça”, encontra-se o Beco dos Cocos. Foto: André Moreira.	67

Imagem 14 – Mapa ilustrando as ruas, que, aparentemente, abrigavam o prédio do “Vaticano”	68
Imagem 15 – Beco dos Cocos à noite. Foto: Marco Vieira.	72
Imagem 16 – Mapa - Travessa Silva Ribeiro - Beco dos Cocos.	73
Imagem 17 – Mapa da cidade de Aracaju – 1. Fonte: <i>Google Earth</i> .	73
Imagem 18 – Mapa da cidade de Aracaju – 2. Fonte: <i>Google Earth</i> .	74
Imagem 19 – Centro Histórico. Foto: André Moreira.	75
Imagem 20 – Beco dos Cocos da perspectiva do Mercado Municipal de Aracaju, ano 2003. Foto: Michelle de Paula.	76
Imagem 21 – Semana de Trânsito da SMTT. A Prefeitura isolou as ruas para uso único dos pedestres. Foto: André Moreira.	77
Imagem 22 – Beco dos Cocos. O então prefeito, Edvaldo Nogueira, confere o trabalho dos artistas na revitalização do Beco dos Cocos. Foto: André Moreira.	78
Imagem 23 – Revitalização do Beco. Foto: André Moreira.	78
Imagem 24 – Beco dos Cocos. Para Alfi Gristelli a intervenção artística é ideal para mostrar à população a importância do local para a história da cidade. Foto: L. Martins.	79
Imagem 25 – Folder do evento “Sexta no Beco”.	80
Imagem 26 – Cartaz do projeto “Sexta no Beco”.	81
Imagem 27 – Lazer no Beco. Mais uma vez observamos a presença do então prefeito, rodeado por jovens. Foto: Morgana Barbosa. Lamparina Cult.	82
Imagem 28 – Imagem 28 - Beco dos Cocos. Colorido e aparentemente limpo. Hoje essas intervenções foram praticamente apagadas, sem nenhuma manutenção parecem borrões. Foto: Silvio Rocha.	83
Imagem 29 – Arte no Beco. Foto: Morgana Barbosa. Lamparina Cult.	83
Imagem 30 – Apresentação teatral no Beco. Cia Stultífera Navis 11/2009 durante apresentação no Beco dos Cocos. Nessa imagem observamos a interação dos dois projetos patrocinados pela Prefeitura Municipal: Rua da Cultura e Sexta no Beco. Foto: André Teixeira	85
Imagem 31 – Lista de patrimônios tombados. No documento da Empresa Municipal de Obras e Urbanização, onde estão listados os bens tombados pelo Patrimônio Estadual, no caso os localizados em Aracaju, são visíveis à ausência dos prédios e de todo o Beco.	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – UM BECO NO MEIO DA CIDADE.....	21
1.1 – A cidade enquanto objeto. Percursos e antecedentes da Antropologia Urbana.....	21
1.2 – A rua como espaço de mediação [reflexão] na [sobre] a cidade.....	29
1.3 – O beco em analogia à rua. Usos e apropriações desse espaço.....	33
1.4 – Impressões estéticas acerca do Beco.....	43
CAPÍTULO II – UM BECO <i>PERDIDO</i> NA HISTÓRIA DE ARACAJU.....	50
2.1 – O Beco dos Cocos e o seu entorno.....	50
2.2 – O Beco e o seu interior.....	60
CAPÍTULO III - O BECO DOS COCOS TRANSFORMADO EM OBJETO DE PESQUISA.....	73
3.1 – Como o Beco dos Cocos se encontra na atualidade.....	73
3.2 – O Beco enquanto caso de polícia.....	89
3.3 – Uma perspectiva humanizada do Beco dos Cocos.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
BIBLIOGRAFIA.....	101
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.....	110

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura investir na reflexão acerca da vida urbana de Aracaju e na compreensão do funcionamento da cidade sob a ótica da história do Beco dos Cocos, tradicional travessa localizada na zona central da capital sergipana. Insere-se, nesse sentido, na linha de investigação social traçada pela Antropologia Urbana, que se concentra nos ambientes, personagens e comportamentos existentes nos espaços de interação humana, com o intento de desvelar os significados por de trás das relações entre as pessoas.

Buscando aprofundar esse tipo de abordagem, a pesquisa cuida de percorrer a origem e as transformações ocorridas no Beco dos Cocos simultaneamente ao desenvolvimento de Aracaju, para, assim, entender os processos que levaram a comunidade aracajuana a se transformar no que é atualmente. Diferencia-se, no entanto, dos estudos preponderantes na Antropologia Urbana justamente na opção pelo beco como objeto para obtenção das respostas pretendidas, já que a categoria escolhida é flagrantemente pouco frequentada na comparação com outros grupos de observação, tais quais o bairro ou a rua, apenas para citar dois exemplos muito mais visitados.

Aí está a peculiaridade da proposta ora apresentada: focalizar uma parte excessivamente pequena da cidade - além de insuficientemente debatida em termos acadêmicos -, o beco, para, então, conhecer as manifestações e, especialmente, as mutações da urbe. Nesse contexto, o uso do Beco dos Cocos como laboratório de estudo é de grande serventia, haja vista as várias ressignificações do local, o qual experimentou momentos de apogeu e hoje se encontra abandonado.

Tendo isso em conta, este trabalho vem a tempo porque se integra à tendência seguida pela Antropologia brasileira desde a segunda metade do século XX, particularmente a partir da década de 1970, consistente na ampliação de seus objetos de atenção, não mais restritos às sondagens sobre etnias e aculturação, mas voltados também às relações sociais avistáveis nos centros urbanos.

Amparada, assim, no conceito de cidade (e em tudo nela contido), enquanto fonte de explicações do agir e do pensar humanos, e com os olhos cravados no beco, no caso, no Beco dos Cocos, a pesquisa busca avançar sobre as características da vida social, principalmente da dinâmica

urbana de Aracaju.

Advirta-se, por oportuno, que, embora o objeto temático aqui compulsado, o beco, não seja inédito, passa longe também do esgotamento. Por consequência, as obras e publicações sobre dado assunto não abundam, razão pela qual o avanço do estudo se dará com a constante utilização de referências ligadas à rua, essa sim muito mais investigada e cuja similitude com o beco será de extraordinária utilidade para o desenrolar das ideias revolvidas.

Veja-se que a rua é narrada pela doutrina mais abalizada como local de contradições, por conseguir abranger, concomitantemente, imagens de ordem e organização, mas também de desarranjo, tumulto e exclusão. Essa dualidade será de bastante valia, uma vez que a evolução histórica do Beco dos Cocos é permeada de antagonia, intercalando passagens de sedução, riqueza e prestígio com lances de desprezo, pobreza e marginalização, o que certamente será melhor compreendido a partir do parâmetro que é a figura da rua.

A propósito, a opção por conferir enfoque às variações por que passou o Beco dos Cocos tem por objetivo exatamente revelar a marcha de um lugar que marcou época como reduto boêmio e cultural da cidade até se tornar um entulho que a sociedade repugna e ignora, sublinhando sempre a participação, comissiva e omissiva, que o Poder Público teve nisso.

Nesse ponto, cumpre salientar que o destaque atribuído ao ocaso do Beco dos Cocos não representa, absolutamente, um alinhamento às visões superficiais e estigmatizantes sobre as localidades marginais e secundárias dos centros urbanos, mas, ao mostrar a decadência do lugar, acreditamos estar fazendo ver a característica "sanitária" que foi imputada, quase que forçosamente, àquele local, no sentido de que ele foi, paulatinamente, colocado em esquecimento para que, relegado, pudesse cumprir missões menos "nobres" às vistas da sociedade e do Estado, a exemplo de reunir, em toda a sua cercania, o consumo de drogas e serviços sexuais, além de servir de refúgio aos desabrigados, características tais que, desnecessário dizer, são, de maneira geral, negligenciadas.

Realmente, segundo explicação apresentada nesta dissertação, a manutenção dos becos como ocupações clandestinas, sujas, escuras e, enfim, repulsivas e desordenadas simboliza o contraponto aos espaços da cidade que trilham o caminho do desenvolvimento e que, nessa condição, repelem o atraso econômico e as mazelas sociais, convenientemente escondidos nos becos.

Daí que o estereótipo desfavorável construído a respeito do beco - inclusive,

reproduzido nas artes, conforme destacado em parte específica adiante - não é fruto do acaso, mas da própria realidade fática, na qual se constata que esse lugar costuma abarcar tudo o que é rejeitado pela sociedade.

Não foi à toa, aliás, que a problemática quanto à segregação dos becos, em especial do Beco dos Cocos, surgiu como tema deste trabalho. Averiguando o processo de construção do patrimônio histórico e cultural de Aracaju, notou-se que um dos pontos de cultura menos privilegiado por parte das esferas governamentais foi justamente o Beco dos Cocos, em oposição aos redutos mais “legítimos”, os quais não somente centralizaram, ao longo do tempo, os esforços estatais, como também os olhares da maioria dos estudos acadêmicos. Essa exclusão provocou certa curiosidade em saber mais sobre o local e suscitou o interesse pela pesquisa, que se detém, portanto, ao diferente, ao que foi historicamente marginalizado.

De fato, partindo da inauguração de Aracaju, é perceptível que, desde então, a cidade já se projetou para organizar-se arquitetonicamente em torno e em razão da minoria social dotada de poder e influência à época, privando os mais pobres do planejamento urbano da capital recém-instalada, cuja zona central foi uma das primeiras a ser erguida.

Essa região, designada que foi, originariamente, a receber as residências das classes mais abastadas, além de prédios estatais, de imediato viu-se cercada por um público diferente do previsto, formado, mormente, por migrantes, pequenos comerciários e trabalhadores braçais, que no centro se fixaram de maneira desalinhada e tumultuada.

A densa população ali concentrada, composta, sobretudo, de homens, logo fez surgir prostíbulos, estabelecimentos voltados à exploração de jogos de azar e outros pontos boêmios, que se assentaram, preferencialmente, em espaços mais ocultos aos olhos da sociedade conservadora, vindo a sobressair, dentre tais locais, o Beco dos Cocos, o qual, muito bem situado no centro de Aracaju, tornou-se, àquele momento, um dos principais destinos de diversão e entretenimento da jovem capital.

Com maior ou menor rigor, as descrições de muitos estudiosos a respeito dessa fase mais proeminente do Beco dos Cocos, nas primeiras décadas após a inauguração da capital sergipana, remetem a certo charme ou elegância da travessa, quase que romanticamente traçada, o que faz merecer discussão neste trabalho, no sentido de ser questionado se esse ponto de vista é, deveras, verossímil. A hipótese aventada é pertinente - ainda que se esteja sob risco de incorrer em preciosismo - pois a resposta dela decorrente é decisiva para o correto aprofundamento da pesquisa.

Floreadas ou não, as narrativas sobre os tempos mais remotos do Beco dos Cocos autorizam, de pronto, a dedução de que as marcas estéticas e culturais daquele local, que simbolizaram uma época, perderam-se com o passar dos anos. O que lhe restou foi a face mais precária, delicada e nada glamourizada da boemia: a destruição. Sem a atenção e o estímulo governamentais, o Beco deixou de ser um centro de cultura para converter-se em um ponto de drogas e em um depósito de entulho.

O argumento principal deste estudo é o de que há uma forte influência do Poder Público para a manutenção do Beco dos Cocos no estado degradante em que se encontra, talvez por mera omissão ou falta de vontade política em intervir substancialmente naquele lugar, talvez por uma dissimulada intenção em deixá-lo esconder o que a sociedade e os próprios organismos estatais não querem ver.

Este trabalho, então, pode contribuir para o fomento da discussão aqui exposta, possibilitando um maior debate sobre as questões ora ventiladas e, ainda, colaborar, quiçá, para o resgate do Beco dos Cocos, resgate fiel à rica origem histórica e cultural da travessa, que vá muito além das alterações superficiais para mascarar os profundos problemas existentes na viela.

Nesse passo, o tema em análise, de alguma forma, reflete o movimento contínuo de repensar a cidade e seus espaços, o que, sem dúvida, é oportuno, seja para os estudiosos, seja para os próprios munícipes, que, investigando a urbe, poderão aperfeiçoá-la e torná-la mais próxima dos padrões desejados de uso e gozo da coisa pública.

Para tanto, a matéria de que se cuida não pode ser deixada para trás. É necessário que sobre ela se medite. E o atual momento afigura-se como uma ocasião favorável, haja vista as intervenções sucedidas há pouco tempo no Centro Histórico, que operaram melhoramentos em grande parte da região, mas que não incluíram o Beco dos Cocos, o qual foi alvo de ações nada profundas, que serviram apenas para disfarçar, pontualmente, os defeitos do lugar.

A esse respeito, é inevitável ao estudo proceder ao cotejo entre o Beco e seus pontos adjacentes, a fim de entender por que ele não foi devidamente contemplado pela atenção estatal, ao passo que outras localidades situadas na mesma zona o foram.

Quanto a esse aspecto, a comparação que melhor orienta o trabalho dá-se entre o Beco e os Mercados centrais aracajuanos, pois, enquanto o efetivo processo de revitalização destes acarretou benfeitorias materiais e imateriais, como o aquecimento do comércio e do turismo, além do desestímulo à prostituição e ao tráfico de drogas, a travessa multicitada passou por uma atuação

tópica, incapaz de remediar os seus problemas, que permanecem sob o abrigo dos muros da viela.

Assim é que não parece equivocado afirmar que as iniciativas executadas no Beco objetivaram criar ali apenas um local de encontros, um *point*, direcionado, particularmente, a um público mais jovem, sem a preocupação em socorrer o patrimônio presente naquele ambiente e a memória das pessoas que, efetivamente, têm uma história de convivência com a travessa, sendo esse, quem sabe, o motivo que fez a intervenção no local durar tão pouco.

Ao adotar tal hipótese argumentativa, buscamos atender a uma dupla pretensão. Primeiramente e de forma direta, colocar dito posicionamento à prova, em face de observações empíricas do objeto da pesquisa. Depois, sair do plano reflexivo e fazer o levantamento de questões sensíveis ao cotidiano do cidadão da urbe, percepção essa que muito contribuiu para a constatação de que o tema trazido à baila é potencialmente rico e deve ser exercitado com afinco.

Por isso mesmo, a problemática aqui aventada não pode ser preterida. Já era tempo de investigá-la mais a fundo, pois o destino dado aos espaços públicos da cidade é questão que afeta, inevitavelmente, a vida da comunidade, sua história e seu modo de se organizar enquanto povo.

A fim de chegarmos aos esclarecimentos pretendidos, utilizamos, como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, apurando as manifestações de diversos estudiosos no tocante ao ponto central deste trabalho e às questões correlatas.

Para tal, fizemos uso, mais especificamente, de algumas dissertações e trabalhos de monografia do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Núcleo de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (NPPCS), da mesma Universidade, acerca dos fenômenos urbanos ocorridos no Centro Histórico de Aracaju.

Nesses trabalhos, os autores atentam, principalmente, para o processo de sucateamento e reforma dos Mercados Centrais da capital sergipana, região que faz divisa com o Beco dos Cocos, servindo tais pesquisas como elementos comparativos em relação à travessa aqui estudada, ainda que elas se concentrem mais em todo o entorno do Beco do que nele próprio.

Obras de autores sergipanos como José Calazans, Mário Cabral, Murilo Melins e Pires Wynne – apenas para citar alguns nomes – também deram significativo contributo ao desenvolvimento deste estudo e nos permitiram responder parte das indagações que movem a pesquisa.

O historiador José Calazans (1992) traz indícios significativos do uso do perímetro do Beco dos Cocos desde a inauguração de Aracaju ao falar do processo de mudança da capital, através

de uma catalogação sistematizada das notícias presentes nos jornais sergipanos, no final do século XIX.

Já o poeta Mário Cabral (2002) descreve nas suas poesias uma cidade boêmia, festiva. Cabral traça em suas palavras a arquitetura das ruas e dos prédios que circundam e estão localizados no Beco dos Cocos durante os anos 1940.

Por sua vez, as memórias da *Aracaju Romântica* de Murilo Melins (2007) demonstram com nostalgia e riqueza de detalhes o período de efervescência do nosso objeto, nos anos 1940 e 1950. Na obra de Melins, encontramos passagens que retomam desde a estrutura dos prédios que abrigavam os cabarés e comerciantes da região até as relações sociais que lá ocorriam.

A partir das informações contidas nas obras desses escritores e com o intuito de aprofundar o nosso conhecimento a respeito delas, consultamos também a hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS), a fim de encontrar dados sobre a construção do Beco dos Cocos como travessa, prostíbulo, zona de tráfico e ponto de cultura. Dentre a parcela dos jornais cotejados, estão o *Correio de Aracaju*, *A Cruzada*, *A Notícia*, *Folha da Manhã*, *Gazeta de Sergipe* etc., cujos registros que se mostraram úteis ao trabalho situam-se, cronologicamente, do final do século XIX até os anos 2000 e encontram-se presentes em um acervo digitalizado, valendo observar, oportunamente, que, por razões e limitações óbvias, nos detivemos a exemplares e períodos específicos, dada a impossibilidade do exame integral do acervo pertencente ao IHGS.

Cabe salientar, nesse ponto, que, apesar da riqueza e do valor dos trabalhos e autores antes referidos, o nosso objeto é pouco trabalhado na historiografia sergipana: são escassos os dados relacionados a seu passado boêmio, limitando-se a notas de jornais e obras memorialísticas; e não há documentos oficiais que atestem as recentes intervenções efetuadas no local, de sorte que, conquanto imprescindíveis ao desenrolar da matéria, os referenciais bibliográficos mencionados não bastam para explicar as peculiaridades encontradas ali.

Eis por que, para irmos além, baseamo-nos, outrossim, em algumas teses desenvolvidas por uma série de antropólogos e cientistas afins, acerca dos estudos urbanos – principalmente os que se detém a espaços relativos às ruas, aos bairros etc., e às relações que se constituem dentro e fora desses espaços –, visando a encontrarmos a concepção de beco enquanto categoria antropológica.

Em resumo, o nosso levantamento bibliográfico compreendeu a análise de fontes primárias e secundárias, envolvendo pesquisas em torno de jornais e material de imprensa de

maneira geral, os quais nos foram apontados através das obras produzidas por memorialistas e historiadores sergipanos, além de ter havido, é claro, o tradicional exame de livros e trabalhos acadêmicos inseridos no rol da Antropologia Urbana.

Afora a bibliografia da qual lançamos mão, servimo-nos, igualmente, de um minucioso acervo iconográfico, obtido não só dos materiais já abordados (jornais, livros etc.), mas também por meio da *internet* e da nossa própria lavra, nas investidas e incursões que fizemos ao Beco dos Cocos e centro de Aracaju, o que possibilitou historicizarmos o nosso objeto mediante o uso de imagens e representações visuais.

Por arremate, valemo-nos, ainda, de procedimentos etnográficos, a exemplo de entrevistas realizadas com transeuntes, comerciantes e pessoas, de alguma forma, ligadas ao Beco dos Cocos, nas visitas que efetivamos *in loco*.

Durante a execução do projeto *Sexta no Beco*, intervenção cultural efetuada, em 2009, pela Prefeitura de Aracaju no local – conforme será melhor explicitado no terceiro capítulo –, colhemos também alguns dados sobre os efeitos do projeto, que nos permitiram compreender as ressignificações ocorridas na travessa.

O fazer etnográfico, presente neste trabalho, está alicerçado, ademais, na leitura das entrelinhas, na percepção das contradições avistáveis no Beco, a partir do que acreditamos, enfim, entender o processo histórico de marginalização de um lugar tão rico culturalmente, que, por anos, recebeu visitas constantes de alguns ilustres sergipanos.

As definições e a aplicabilidade das teorias e métodos no recorte feito ao estudo fizeram possível reduzirmos a dimensão heterogênea da capital sergipana ao micro, o que nos permitiu analisar, de modo mais focalizado, os pormenores, indícios e sinais condutores da vida social e cultural aracajuana, em várias épocas. A redução do espaço urbano estudado resultou em um dessecamento das estruturas socioculturais que compõem o Beco dos Cocos enquanto categoria antropológica.

Em posse dos elementos revelados, tentamos compreender a história do Beco dos Cocos e suas alterações no decorrer dos anos, para, em seguida, buscarmos responder às questões e problemas que motivaram a pesquisa, especialmente o que está por trás das tantas e tão intensas transformações e ressignificações do objeto aqui estudado.

No primeiro capítulo, serão apresentados os referenciais teóricos da pesquisa. Para isso, optamos por articular o estudo das cidades e seus espaços com o caminho trilhado pela

Antropologia Urbana durante seu processo de formação e maturação, explicando como e por que os ambientes citadinos ascenderam à mira dos antropólogos, dentro e fora do Brasil. Comentaremos a respeito da importância da observação das áreas urbanas enquanto meio de entendimento das características da vida social, justificando a particular escolha do beco como ponto central do trabalho. Teceremos, nessa conjuntura, considerações acerca das fontes utilizadas, tentando demonstrar os parâmetros que serviram de apoio à pesquisa, especialmente a utilidade do confronto da rua com o beco, com o propósito de determinar as diferenças, semelhanças e relações entre tais objetos. Verteremos o foco, ainda, às singularidades do beco, explicitando a representação adversa que ele carrega consigo, as origens da construção dessa imagem negativa e o que ela simboliza para a sociedade.

No segundo capítulo, exploraremos efetivamente o tema trabalhado, qual seja, a história do Beco dos Cocos, os motivos que o levaram do encanto à bancarrota, do fascínio ao esquecimento e a influência das intervenções do Poder Público - ou da falta delas - nas ressignificações do local. Detalharemos o nascedouro de Aracaju ao lado do surgimento do Beco dos Cocos, buscando enfatizar as fases vividas pela travessa, os tipos que a frequentavam, os estabelecimentos ali instalados, a arquitetura do lugar e os seus atrativos. Faremos também uma análise crítica acerca de como esse patrimônio cultural perdeu-se da memória da cidade, evidenciando o descuido das políticas governamentais para com o Beco.

No terceiro capítulo, avançaremos na demonstração da necessidade de ações substanciais em favor do resgate do Beco dos Cocos. Nesse passo, serão narradas as recentes intervenções feitas na travessa e o legado irrelevante proporcionado ao local, em contraposição à recuperação profunda executada em boa parte da região central da capital sergipana. Tentaremos explicar as razões para a exclusão do Beco dos Cocos do referido processo de revitalização do Centro Histórico e os prejuízos dessa medida. Em arremate, retrataremos o Beco de hoje, sob o ponto de vista de pessoas que têm convivência com o lugar, e mostraremos as consequências, para a localidade, do descaso dos entes estatais.

Por último, serão apresentadas as conclusões obtidas com a realização do presente trabalho, ponderando os ganhos em conhecimento trazidos por ele acerca do funcionamento da cidade e de sua dinâmica, além de serem tecidas algumas considerações sobre o papel do Estado no destino do patrimônio existente na urbe.

CAPÍTULO 1

Os becos e as cidades

1.1 A cidade enquanto objeto. Percursos e antecedentes da Antropologia Urbana no Brasil

Os estudos relacionados às cidades nos colocam diante de diversos conceitos e indagações, parte das quais está diretamente ligada à constituição da sociedade frente a um desenfreado processo de urbanização e em meio à dicotomia espaço e tempo.

Com base na premissa que concebe a cidade como um objeto sociocultural edificado pelo homem e em todo aparato histórico nela acumulado, percebemos nesse espaço a infinita gama de vivências e experiências que tal objeto pode nos proporcionar.

A cidade que encanta e absorve todo o cotidiano dos cidadãos é capaz de nos revelar as mais discretas percepções sobre a sociedade que desejamos conhecer, sendo agente e palco das mais variadas ações humanas. Por isso,

[...] conhecer uma cidade é, assim, não só apropriar-se de parte de um conhecimento do mundo, ou seja, os saberes e fazeres dos habitantes e o que conheço desta experiência de pesquisa junto a eles, quanto desvendar o conhecimento na busca de situar meu próprio ser em relação ao ser do Outro na cidade (ECKERT E ROCHA, 2003, p. 2).

Ao desvendarmos os conhecimentos oferecidos pela cidade, tornamo-nos aptos a decifrar e a compreender todo o aparato simbólico nela presente.

Alguns autores, como Sandra Jatahy Pesavento, concebem-na como um artefato material construído pelo homem, como “uma ação humana sobre a natureza”. Ou seja,

[...] é pela materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação icônica preferencial, seja pela verticalidade das edificações, seja pelo perfil ou silhueta do espaço construído, seja ainda pela malha de artérias e vias a entrecruzar-se em uma planta ou mapa (PESAVENTO, 2007, p.13).

Segundo essa autora, é a partir de toda infraestrutura criada para a definição das cidades, como os edifícios, os bairros, as ruas etc., que esse objeto é caracterizado, possibilitando-nos identificar a presença do fenômeno urbano, diferenciado do “mundo” rural (PESAVENTO, 2007, p. 13).

Devido a essas e outras percepções, as teses elaboradas pela historiadora gaúcha irão direcionar alguns posicionamentos temáticos da nossa pesquisa, neste e em outros capítulos da dissertação aqui apresentada, a exemplo da noção de cidade relacionada à sociabilidade, formulada por ela.

Nesse sentido, a cidade, repleta de sociabilidades, é capaz de comportar, além das edificações materiais, “atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos”. Nela, encontramos vida, o que a torna inseparável da condição humana e nos faz corroborar com a ideia de “cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais” (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Para a historiadora, a cidade também é “sensibilidade”: é, em essência, um fenômeno cultural e, dessa forma, ajuda a “significar” o mundo. Por isso, as “cidades pressupõem a construção de um *ethos*, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de *urbano*” (PESAVENTO, 2007, p. 14).

A sensibilidade atribuída pela autora à urbe se percebe nas imagens da cidade. A criação imagética desse espaço faz com que o identifiquemos, classificando-o e qualificando-o, seja no seu traçado e modelo, e/ou nas práticas e nos atores desse espaço, imersos em uma realidade que pode também ser palpável. “A cidade sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam *na e por causa* da cidade” (PESAVENTO, 2007, p.14).

Como um livro aberto, a cidade proporciona uma leitura clara de todos os seus recantos. Em cada praça, beco, rua etc., a teia urbana é construída, tanto em termos sociais, quanto em termos culturais, sob a égide do tempo.

Tempo que permite a existência de várias cidades em uma só, a cidade do passado, a cidade do presente e a cidade que queremos no futuro. Características que, quando associadas à representação espacial da área urbana, possibilitam a confecção da memória.

Antes do século XIX, a cidade consistia em um palco de acontecimentos sociais, econômicos, entre outros, sem alcançar *status* de objeto das pesquisas acadêmicas. Consequentemente, todas as partes que compunham o complexo que estrutura espacialmente a cidade, como as ruas, as praças, os bairros, por exemplo, também comungavam dessa condição marginal. “Com a emergência do Urbanismo enquanto disciplina, [é que] a rua e outras formas urbanas construídas adquiriram o estatuto de objectos urbanísticos e de figuras de planeamento e suscitaram controlos, adesões, rejeições e recriações eruditas e populares” (BAPTISTA E NUNES, 2008, p. 97).

São essas “outras” formas urbanas que conduzem o nosso estudo, formas que passaram a ser valorizadas a partir do trabalho de pesquisa interdisciplinar realizado por antropólogos, historiadores, sociólogos, geógrafos, acerca de um tema conturbado e maleável, que se convencionou denominar “fenômeno urbano”.

A diferenciação dessas novas propostas com os temas recorrentes da antropologia tradicional evocou uma necessidade de ampliar e direcionar alguns estudos para uma região até então marginalizada, o espaço urbano¹.

Essa nova perspectiva é inaugurada no final do século XIX e início do século XX, impulsionada por um movimento localizado na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos.

Diante do “vertiginoso crescimento de Chicago, nos anos vinte, a partir de correntes migratórias, com a correspondente sequela de problemas que tal fenômeno acarretava”, é que a dinâmica urbana passa a ser efetivamente explicada (MAGNANI, 1996, p. 07).

Em uma conferência apresentada para o curso de pós-graduação em Antropologia Social, no Museu Nacional, UFRJ, no ano de 1990, Howard Becker delimita não apenas a construção da Universidade de Chicago, mas também todo o percurso que envolveu a constituição e desenvolvimento da Escola Sociológica de Chicago, a qual nos interessa não só por sua infraestrutura, no que condiz à sua agenda institucional de pesquisa, mas também pela prospecção dos conteúdos por ela pesquisados e difundidos.

Segundo Becker, a Universidade de Chicago foi fundada no ano de 1895 e o seu projeto de edificação aconteceu graças a uma doação realizada pelo magnata do petróleo John D. Rockefeller.

¹ Há de se considerar que antes das contribuições dadas pelos antropólogos e pela Antropologia Urbana, já existiam os subsídios anteriores dos enciclopedistas na França do século XVIII, e a dos utopistas franceses, bem como os aportes de Georg Simmel, principalmente, os estudos sobre a cidade remontam. Ademais, alguns dos integrantes da Escola de Chicago, como Robert Park, por exemplo, passaram antes pelos cursos do próprio Simmel na Alemanha.

Nesse momento, a sociedade americana enfrentava problemas que se repetem até hoje, como a desigualdade social e o forte índice de imigração (BECKER, 1996, p. 176).

A teoria do urbanismo e as sociedades urbanas eram temas constantes. Discussões acerca da delinquência juvenil, presente nos grupos de imigrantes da cidade de Chicago, representavam um problema significativo para alguns antropólogos e sociólogos daquela instituição.

Vale ressaltar que as pesquisas realizadas na cidade americana não podiam ser caracterizadas por uma metodologia unilateral de concepção puramente qualitativa ou quantitativa. Nesse caso, os pesquisadores se identificavam mais com o pensamento a ser desenvolvido do que com o método a ser aplicado nesse processo.

No tocante às doutrinas presentes na Escola, ela também se mostrava plural, variando desde o pragmatismo e a fenomenologia até a ecologia e o marxismo.

Dividir a cidade em zonas, proposta apresentada por alguns estudiosos da época, foi uma solução metodológica eficiente para compreender as relações sociais e os diferentes tipos encontrados na sociedade local. Através do mapeamento da população, os pesquisadores conseguiam alocar os mais variados grupos populacionais, como os grupos étnicos, imigrantes, gangues etc.

A maneira peculiar como a Escola de Chicago manuseava os aspectos sociais da cidade enquanto objeto, pode ser creditada, principalmente, a três autores: Robert Park, Louis Wirth e Robert Redfield, responsáveis pela concepção de conceitos como o da cidade enquanto campo de investigação da vida social, o do urbanismo enquanto modo de vida e os “estudos de comunidade” (FRÚGOLI JR., 2005, p. 136).

Segundo Gilberto Velho, esses autores “buscavam identificar e compreender as diferenças socioculturais dentro das grandes cidades em acelerado crescimento” (VELHO, 2009, p. 11).

No rol de destaque dos precursores da Escola de Chicago, é importante citarmos, também, a presença do pesquisador alemão Georg Simmel, como destaca o antropólogo Gilberto Velho, ao falar que “nada era insignificante ou secundário” para aquele autor. Ainda parafraseando o antropólogo brasileiro, Simmel ia além dos interesses centrais, chegando a ricas concepções, de forma, às vezes, inusitada; como, por exemplo, através da análise de temas exclusivos, como o dinheiro, a prostituição, a cultura feminina, a paisagem, a estética etc. (VELHO, 2009, p. 13).

É a partir da influência de Simmel e demais autores que a Escola passa a realizar pesquisas de campo, utilizando a etnografia em localidades e com grupos ditos marginais, o que denotava a

diversidade sociocultural encontrada em todo complexo urbano que circundava a cidade de Chicago.

Além da Escola de Chicago, outras duas escolas teóricas influenciaram a Antropologia Urbana brasileira, a Escola Antropológica de Manchester² e a Escola Marxista Francesa de Sociologia Urbana³.

No Brasil, os estudos que antecedem a criação da Antropologia Urbana no país estavam basicamente localizados em São Paulo, cujos problemas sociais aproximavam-se daqueles encontrados na metrópole americana, guardadas as devidas proporções, haja vista que Chicago, no período, era uma cidade muito mais desenvolvida que São Paulo⁴, embora a metrópole brasileira se destacasse, em termos de superioridade demográfica, no contexto nacional. Mas, cabe ressaltar que essa aparente semelhança não funcionava como um modelo a ser copiado. “Apesar da influência teórica da Escola, ela não foi um modelo de identidade para os sociólogos no Brasil, para formar uma escola de pensamento com essa linha teórica”(MENDOZA, 2005, p. 448).

² Seu maior expoente foi o antropólogo sul-africano Max Gluckman. Essa Escola criticava o modelo clássico da Antropologia Britânica. Nela ocorreu também a mudança do objeto de pesquisa, anteriormente centralizado nos nativos de algumas comunidades “complexas”. Em Manchester temas como os dramas sociais, as redes sociais etc., passam a ser recorrentes.

³ Organizada no final da década de 1960 por pesquisadores como: Manuel Castells, Jean Lojkin, Raymond Ledrut, Henri Lefèbvre etc. Essa Escola compreendia o urbano como um espaço socialmente produzido, com características diferenciadas amparadas em modelos socioeconômicos e de controle político onde estavam inseridas. Destacam-se nesse modelo as relações de produção, troca, consumo e poder, e como elas se manifestam no espaço urbano.

⁴ Não desconhecemos que, nas primeiras décadas do século XX, o Rio de Janeiro, capital do país àquela altura, apresentava os mais elevados índices populacionais do Brasil. No entanto, era a cidade de São Paulo que concentrava um maior número de imigrantes, aproximando-se, nesse ponto - e em alguns outros -, da cidade de Chicago, também receptora de estrangeiros, característica tal que foi objeto de estudo tanto da Escola de Chicago, quanto dos precursores da Antropologia Urbana no Brasil. Sobre os dados a respeito da quantidade de imigrantes no Brasil, na primeira metade do século XX, ver os indicadores do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística): “Quando, em 1920, São Paulo era uma estadual com 579.033 habitantes, o Rio de Janeiro, então federal, tinha o dobro da população, ou 1.157.873 pessoas. Em 80 anos, São Paulo passou para os mais de 10 milhões atuais, verificados no Censo 2000. Para esse crescimento, contou não apenas a fecundidade paulistana, mas sobretudo a oferta de trabalho que, por décadas, atraiu imigrantes estrangeiros e de outros estados brasileiros. Já em 1920, a proporção de estrangeiros era elevada, de 35,4%, ou seja, 372.376 brasileiros para 205.245 nascidos no exterior. No Rio de Janeiro, neste mesmo ano, o número de estrangeiros era de 239.129, numa população total muito mais numerosa. Apenas no ano de 1935, segundo dados da publicação Estatísticas do Século XX, entraram no País 45.012 estrangeiros, dirigindo-se, a maior parte, para os dois grandes centros urbanos da época, sendo 7.764 para o Rio e 20 mil para São Paulo. Do total de imigrantes em 1935, pouco mais de 15 mil eram agricultores”. FONTE: Comunicação Social, IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), janeiro de 2004. Artigo em homenagem ao aniversário de São Paulo. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/notasaopaulo.shtm>. Capturado em 14 de junho de 2013.

A inserção da Escola de Chicago na esfera acadêmica do país aconteceu de forma lenta e, consequentemente, a sua influência nos estudos urbanos brasileiros se deu timidamente, principalmente nas décadas de 1940 e 1950. Esses estudos pretendiam encontrar o “sujeito urbano na cidade” (MENDOZA, 2005, p. 459).

Vale ressaltar que não podemos ainda considerar essas pesquisas como estudos de Antropologia Urbana propriamente dita. Na verdade, existia uma tentativa de aproximação aos estudos da cidade e seus habitantes, enquanto sujeitos sociais, haja vista que, nesse momento, a cidade ainda não era compreendida com um objeto de estudo relevante (MENDOZA, 2005, p. 459).

Os primeiros estudos voltados para as cidades brasileiras têm como objeto, principalmente, a imigração. As pesquisas pioneiras a respeito foram realizadas, por volta da década de 1970, por Antônio Cândido (*Os parceiros do Rio Bonito*, 1964) e Eunice Durham (*A caminho da cidade. A vida rural e a migração para São Paulo*, 1973). A Antropologia Urbana, enquanto disciplina, remonta a esse decênio e foi inaugurada com a contribuição de Gilberto Velho a partir do estudo “Utopia Urbana”⁵.

Nesse sentido, foi da Escola de Chicago que veio o primeiro embasamento teórico das pesquisas urbanas nacionais. Seja em uma

[...] perspectiva ecológica em certos momentos, e em outros, como uma Sociologia Urbana, combinando várias teorias e autores, principalmente europeus, essa Escola influiu em trabalhos no Brasil, tais como os de relações raciais (negros, brancos e imigrantes), como os das categorias de aculturação e assimilação, os estudos de comunidade que tiveram uma grande importância no Brasil e outros países do mundo, com uma preocupação nas migrações campo/cidade, principalmente em três campos: a) no das relações raciais, b) no dos clássicos estudos de comunidade e c) nos estudos precursores na cidade de São Paulo (MENDOZA, 2005, p. 459).

Cabe ressaltar que nesse momento a Antropologia brasileira estava voltada para estudos como: a relação dos índios com a civilização, as culturas caboclas e a aculturação de alguns grupos étnicos, negros, japoneses etc. As pesquisas relacionadas à cidade, no caso de São Paulo, alvo dos primeiros estudos sobre o espaço urbano, eram parcas, pois o que interessava à nossa antropologia,

⁵ A despeito de a institucionalização da Antropologia Urbana, no Brasil, ter-se dado apenas nos anos 1970, por intermédio do trabalho de autores como Antônio Cândido, Eunice Durham e Gilberto Velho, consoante aludido no corpo do texto, sabemos que, antes do período mencionado, já existiam pesquisas sobre os espaços urbanos, como podemos perceber nos estudos de Donald Pierson (*Branços e pretos na Bahia: estudo de contato racial*, 1942), acerca das relações de inclusão e realidade social dos negros no Brasil, além dos trabalhos de Raimundo Nina Rodrigues (*Os africanos no Brasil*, 1932) e Gilberto Freyre (*Sobrados e Mucambos*, 1936), tão somente para citar alguns exemplos.

mediante a influência da sua formação europeia e americana, era conhecer a nossa sociedade, ou seja, nossos grupos indígenas; conhecer nossas comunidades “caboclas” e os grupos étnicos minoritários que compunham a sociedade brasileira, seus processos de aculturação e assimilação da cultura nacional (MAGNANI, 1996, p. 08-09).

Segundo José Guilherme Cantor Magnani, as mudanças socioeconômicas ocorridas no Brasil na década de 1970 foram importantes, pois proporcionaram a abertura de espaço na antropologia para a realização de pesquisas nos grandes centros urbanos. Para o autor “era preciso conhecer de perto esses atores, seu modo de vida, aspirações - já que conceitos como ‘consciência de classe’, ‘interesses de classe’ e outros não davam conta de uma dinâmica que se processava no cotidiano” (MAGNANI, 1996, p. 10).

Nesse momento, os temas que direcionavam a nossa antropologia são ampliados, e personagens como os moradores da periferia, seus modos de sobrevivência, a diversidade religiosa presente na cidade, a cultura e as festas populares, as formas de lazer e entretenimento da população etc., passam a ser observados e concebidos como fonte de conhecimento fundamental para a compreensão das relações sociais apreendidas nos espaços urbanos (MAGNANI, 1996, p. 11).

Com a periferia, o desemprego, a inversão de fluxo migratório, o desenvolvimento da classe média etc. no centro das pesquisas acadêmicas, fez-se necessário observar a forma como eram entendidas as modificações e o que permaneceu em contexto e conceito na antropologia brasileira. Essas ações permitiram a abertura de novas possibilidades de “diálogos com outras áreas, assim como avanços no aprofundamento das possibilidades etnográficas” (FRÚGOLI JR., 2005, p. 143).

A emergência desses novos temas e atores sociais foi alicerçada teoricamente em pressupostos modernistas. Foi na segunda década do século XX que o Brasil esboçou o seu primeiro contato efetivo com o Movimento Modernista, direcionando-o, quase que exclusivamente para a arte (literatura, música, artes plásticas). Mas, ao contrário do que muitos imaginam, tal movimento ultrapassou fronteiras e buscou romper com a cultura progressista imposta pela República.

Nesse sentido, a Semana de Arte Moderna de 1922, não influenciou apenas a arte, mas possibilitou também a transformação da arquitetura brasileira. Brasília serve de exemplo, no tocante ao seu planejamento modernista. A nova capital do país deveria personificar esse ideal de modernidade. O antropólogo americano James Holston, na sua obra “A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia”, realiza uma “etnografia crítica do modernismo” referente ao

planejamento da cidade (FRÚGOLI JR., 2005, p. 145). Segundo Holston, deixaram a Brasília o legado de uma mitologia do Novo Mundo em que a construção de uma capital no Planalto Central seria o meio de desencadear o florescimento de uma grande civilização num paraíso de abundância (HOLSTON, 1993, p. 23).⁶

Esse legado não foi concretizado, pois Brasília ficou repleta de áreas marginais. Cidades-satélites nas periferias, construídas por operários. Em outro plano há a presença dos “seus novos moradores, que subverteram muitos dos usos previstos, num processo que só pôde ser reconstituído por uma etnografia voltada à historicização do presente (etnográfico)” (FRÚGOLI JR., 2005, p. 145).

Nesse contexto, a cidade moderna pode ser analisada também a partir

[...] dos papéis circunscritos do urbanismo e dos urbanistas numa série de intervenções nas comunidades marginalizadas e não apenas daqueles ligados ao Estado, mas também dos que atuam de distintos modos junto às camadas populares em que o desempenho na esfera política muitas vezes sobrepuja eventuais projetos urbanísticos resultantes de tal relação. Além disso, abrem-se novas possibilidades de análise sobre os “contradiscursos” de inúmeros atores sociais rejeitados de forma recorrente pelo planejamento urbano (FRÚGOLI JR., 2005, p. 146).

São essas e outras concepções que norteiam a antropologia urbana brasileira contemporânea. Temas ligados à violência, aos movimentos juvenis, amparados em manifestações como o *grafite* e o *hip hop*, dentre outros, compõem o mote que delimita a disciplina.

1.2 A rua como espaço de mediação [reflexão] na [sobre] a cidade

Qual a melhor forma de conhecer os meandros da cidade, espaço conturbado e flexível? Para nós, o beco foi apresentado como uma alternativa. E é a partir desta pequena fração da dimensão urbana que iremos desenvolver nosso trabalho e entender algumas das muitas intervenções urbanas e ressignificações ocorridas em Aracaju, mais especificamente no centro da cidade.

⁶ Reconhecemos que o recorte histórico efetuado na nossa síntese apresenta um lapso temporal considerável, saltando do marco da Semana de Arte Moderna de 1922 para a inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960. Entretanto, tal se faz recomendado, uma vez que a intenção da abordagem é revelar os estudos e autores referenciais para a Antropologia Urbana no Brasil, não realizar uma pesquisa exaustiva do tema, cumprindo ressaltar, por oportuno, que nessa mesma linha seguem outros pesquisadores, sem prejuízo ao desenvolvimento dos trabalhos respectivos.

Por conta da limitação de estudos direcionados aos espaços caracterizados como becos, iremos nos utilizar, em alguns momentos, de conceitos relacionados à concepção de “rua”, como faz Bruno Maia Halley, que compartilha e comunga da nossa opinião acerca da quase inexistência de pesquisas relacionadas ao papel e presença dos becos nas cidades.

[...] sobre os becos, faz-se necessário esclarecer que a literatura científica é exígua. São de uma forma geral, lembrados e cultuados tanto na cultura popular urbana, através de letras de músicas e expressões populares, quanto na poesia de autores como Manuel Bandeira e Cora Coralina (HALLEY, 2012, p. 04).

Por isso, a “rua” servirá de suporte na continuidade deste debate, devido à quantidade significativa de pesquisas relacionadas ao tema, bem como pela proximidade entre esses dois espaços que nos propomos a conhecer.

A rua se apresenta, na maioria das vezes, como o símbolo da ordem, construída a partir de normas e planilhas que percorrem toda a sua extensão. Ela é uma parcela formal do solo urbano. Pode ser instituída por particulares em lotes ordenados, ou organizada pelo poder público, mas também pode derivar de um processo desordenado de construção. Esse tipo de logradouro serve para o uso coletivo, seja de carros, pedestres etc., ou apenas para separar casas, tipos de comércios, dentre outros tipos de edificações.

Segundo os autores João Pedro Silva Nunes e Luís Vicente Baptista, as ruas

[...] enquanto lugar físico construído, surgem intimamente associadas a operações materiais concretas de construção da cidade e dos territórios urbanizados. Diferentes modos de conceber “rua” encontram-se aí em jogo: seja em processos reconhecidos pelas instâncias de planeamento, seja naqueles cuja legalidade e reconhecimento pelos poderes públicos urbanos é variável e em certos casos mesmo objecto de sanção negativa (BAPTISTA e NUNES, 2008, p. 106).

Além disso, a rua é capaz de ultrapassar os seus aspectos físicos, livrando-se do estigma de apenas abrigar uma rota de passagem; na nossa análise, a rua adquire aspectos que nos permitem conhecer os sistemas de diferenciação social que circundam todo o espaço urbano.

Para Baptista e Nunes, “a rua pode ser entendida como referente da acção social”, pois integra os processos anteriores à edificação do espaço urbano, em consequência, ela se constitui

como uma referência para os agentes que proporcionam a produção do território (2008, p. 107). Ademais, a rua incorpora a

[...] dimensão de circulação e a possibilidade de convivência, mas o resultado desta evidência formal são traçados e vivências díspares e até contrastantes. A rua enquanto marca temporal (quando foi edificada) e marca social (quem e para quem edificar) abre espaço à convivência e à circulação, mas ajuda a definir uma nova fronteira entre os lugares de antes e os de agora, dos lugares de uns, aquém, e de outros, além (BAPTISTA e NUNES, 2008, p. 107).

João do Rio, ao definir a rua, buscou seu significado literal nos dicionários, onde encontrou a origem latina do termo, que quer dizer ruga, sulco. Prosseguindo na sua pesquisa, observou no complemento do verbete que a rua também é o espaço entre as casas e povoações por onde andamos e passeamos. O autor concluiu que a análise da rua presente nos dicionários, enciclopédias, dentre outros, era um tanto quanto superficial, pois se apoiava na premissa estrutural desse espaço, esquecendo toda a potencialidade social e filosófica nele presente (RIO, 1908, p. 01).

“A rua tem alma!”, exclamava João do Rio em seu texto. Em uma pungência eloquente o autor expôs as diversas facetas que circundam esse objeto, como a miséria, a mediocridade, a ingenuidade, o sonho. Através de uma linguagem poética, a rua proposta pelo autor é construída, também, como um espaço de mediação, alicerçada em um solo de ambiguidades (RIO, 1908, p. 02).

Nesse sentido, não só a rua, mas a cidade, o beco etc., nos são apresentados como lugares de contradição, ou seja, em um mesmo local encontramos sentimentos marginais, de repúdio, mas também podemos enxergar o sonho, o encanto, a paixão. A diferença poderá ser percebida por quem os observa, quem os vivencia.

Na rua vislumbramos o lirismo tão presente na obra de João do Rio, em que os “atores ricos”, por exemplo, têm a oportunidade de confrontar os “atores pobres”, expondo todas as diferenças sociais existentes na cidade, cabendo à rua abrigar uma espécie de teatro vivo.

De forma similar comportam-se as prostitutas nos centros das grandes cidades, os vendedores ambulantes etc., imersos em um confronto velado de poder e submissão, riqueza e pobreza que compõem o cotidiano de uma cidade.

Para Tim Sieber, não devemos evitar essa rua, ambígua e complexa, pois o fato de a

observarmos “antes como foco privilegiado de pesquisa etnográfica, permiti-nos, de facto, reflectir sobre a qualidade e as características da vida quotidiana na cidade” (SIEBER, 2008, p. 52).

Assim, podemos enxergar a capacidade explícita da rua em expressar mais que o cimento nela presente. A partir dela podemos desvendar peculiaridades da cultura e a mentalidade de um povo.

Apesar da aparência frágil, por vezes comum, o presente objeto pede cuidado ao ser estudado, pois uma pesquisa mal elaborada pode nos levar a generalizações simples e superficiais, como acredita Sieber, ao nos alertar sobre tal possibilidade. Para o autor, é necessário termos

[...] uma visão microscópica, particularmente local da sociedade e cultura, como também se constituem como plataforma para a abordagem de uma grande variedade de aspectos sobre o desenvolvimento urbano contemporâneo, as tendências nacionalistas, mudança econômica, imperialismo e globalização, passado e presente (SIEBER, 2008, p.56).

Sieber tem uma percepção otimista em relação à rua, acreditando ser ela o ponto de conexão do privado com o público. Para o autor, a relação público/privado, permite a permanência, ainda que temporária, de “extensões criativas do espaço privado, doméstico, constituindo o palco para a expressão de identidades de grupo, especialmente culturais” (SIEBER, 2008, p. 61).

Em outro caso, ao entrecruzarmos os espaços públicos das ruas com alguns espaços privados, é natural que se verifiquem conflitos nas suas formas de uso, o que pode vir a “desafiar a ordem que se intenta construir na cidade”. Como exemplo, temos algumas localidades que foram construídas baseadas em discursos técnicos, estéticos e higienistas (PESAVENTO, 1999, p. 200).

Ou seja, as ruas, mesmo quando enquadradas em projetos que buscam evitar a circulação de indivíduos em suas margens, são tomadas por um espírito coletivo que reivindica a liberdade de uso e apropriação dessa extensão da forma que lhes for conveniente.

Esse caráter “organizacional” da rua não impossibilita a existência de grupos e estruturas que estão fora do âmbito de uma sociedade mais conservadora, tudo irá depender da forma como a concebemos. Segundo Baptista e Nunes,

[...] os modos de conceber “rua” incorporam inevitavelmente a dimensão de circulação e a possibilidade de convivência, mas o resultado desta evidência formal são traçados e vivências díspares e até contrastantes. A rua enquanto marca temporal (quando foi

edificada) e marca social (quem e para quem edificar) abre espaço à convivência e à circulação, mas ajuda a definir uma nova fronteira entre os lugares de antes e os de agora, dos lugares de uns, aquém, e de outros, além (BAPTISTA e NUNES, 2008, p. 107).

A rua representa uma linha tênue capaz de dividir três esferas temporais distintas, o passado, o futuro e o presente. Nela conseguimos captar todas as transformações sócio-estruturais ocorridas nesses espaços de tempo. Não apenas os modos de agir, a mentalidade e os comportamentos, mas também detalhes da arquitetura, da economia, enfim, toda a sociedade pode ser lida substancialmente em uma sequência microscópica que desemboca, na verdade, em um entendimento macroscópico.

Por esse e outros fatores a rua torna-se um espaço repleto de variedades; nela observamos “a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares – tudo num espaço público e regulado por normas também públicas” (MAGNANI, 1993, p. 02).

Nesse sentido, a rua é exposta como uma peça diversificada e fundamental para o entendimento de parte das transformações que ocorrem constantemente na sociedade, vinculando-se a temas que transcorrem desde as relações de um grupo minoritário a abordagens mais profundas, relacionadas à ideia de identidade, nação, comportamento, dentre outros temas de igual complexidade. Para José Guilherme Magnani,

[...] esta é a riqueza que caracteriza a experiência urbana e que a rua, em sua relação metonímica com a cidade, evidencia. Não se pode ler a cidade a partir de um eixo classificatório único: é preciso variar os ângulos de forma a captar os diferentes padrões culturais que estão na base de formas de sociabilidade que existem, coexistem, contrapõem-se ou entram em confronto no espaço da cidade (MAGNANI, 1993, p. 04).

Na rua as pessoas se relacionam, se vinculam, convergem e divergem. Isto é, a rua, a todo o momento assume uma condição política, na maior parte das vezes, tipicamente democrática. Nesse espaço, é possível observarmos um movimento constante de negociações e renegociações de convívio entre os atores que transitam nessas localidades, independente da função exercida por essas pessoas.

Existe uma conduta a ser seguida ao “usarmos” uma rua; respeitar essa conduta é uma forma de organizarmos a diversidade nela apresentada, evitando, assim, uma série de confrontos

desnecessários entre os elementos que consomem essas ruas com mais ou menos intensidade; comerciantes, transeuntes, moradores de rua etc., por exemplo.

Compreender a rua é compreender a cidade em uma escala menor e diferenciada, ou seja, é aproximar-se, a ponto de tocar, o nosso objeto. Mesmo com sua construção intimamente associada às estruturas materiais da engenharia que permite a construção do espaço físico das cidades, somos capazes de enxergar outras formas de conhecermos a rua.

Assim, podemos entender que a rua, em termos de captação da história de um lugar, pode ser considerada, também, como um local que reflete uma gama de significações e representações que um espaço social pode proporcionar.

1.3 – O beco em analogia à rua. Usos e apropriações desse espaço

Parece um tanto quanto óbvio falarmos que existe uma tendência, digamos que histórica, em negligenciar, em uma esfera mais intelectual, objetos considerados marginais.

Não queremos aqui impelir em vícios pertinentes às generalizações, muitas vezes superficiais e infundadas, mas, como observou Sandra Jatahy Pesavento, ao categorizar alguns espaços da cidade como “lugares malditos”, o beco faz parte de uma zona estigmatizada da urbe (PESAVENTO, 1999, p. 196).

Através da linguagem, Pesavento traduz os aspectos da sociabilidade presente no vocabulário próprio da cidade, focando a “especificidade da linguagem da estigmatização urbana, que visualiza uma ‘cidade maldita’ ou ‘condenada’ dentro de uma cidade concreta, tomada para análise” (PESAVENTO, 1999, p. 196).

É com essa perspectiva que o beco por nós estudado se relaciona: um lugar marginal que se contrapõe à ordem e à moral, representando, assim, um obstáculo à ideia de modernização almejada pelas grandes cidades.

Segundo a historiadora gaúcha, o beco caminha na contramão das perspectivas de intervenções urbanas propostas na época do seu surgimento, que desejavam, além de equipar,

expulsar desses espaços o que ela chamava de “socialidades⁷ indesejadas”, no caso, a sua aniquilação seria a solução mais eficaz, visto que, esses espaços não existiriam sem que neles se apresentassem algumas práticas marginais. Símbolos do atraso, os “becos” seriam o alvo de um discurso moralista, que visava varrer os pobres do centro da cidade e que passava a ser veiculado com mais intensidade após a República, na última década do século XIX (PESAVENTO, 1999, p. 198).

Pesavento, em sua pesquisa, relata o processo de reordenação do centro histórico de Porto Alegre, na passagem dos séculos XIX para o XX, o qual enfrentava uma “verdadeira guerra” contra os becos, por serem associados à ideia de desordem, fato que não se coadunava a uma capital que desejava ser moderna. Por isso,

[...] nesse momento de fim de século, o beco foi identificado, como o reduto das socialidades condenadas, era um espaço maldito da cidade, frequentado pelos “turbulentos” da urbe. A situação se definia tanto mais grave porque tais espaços estigmatizados se achavam encravados no centro da cidade, que se encontrava em processo de renovação e saneamento, tanto técnico quanto moral. Verdadeiros “lugares de enclave”, eles ameaçavam a ordem, pois expunham, pela contiguidade inevitável e indesejável, o mau lado da urbe (PESAVENTO, 2001, p. 98).

Nesse período, o termo beco passa a representar, como uma espécie de estigma, os lugares marginalizados das cidades. Esse espaço era considerado sinistro, sujo, perigoso e feio. “É o mau lugar, por onde circulam personagens perigosas praticantes de ações condenáveis”. No imaginário popular, o beco era o reduto dos excluídos, como prostitutas, bêbados, criminosos etc., ou seja, nessa localidade podiam-se encontrar os tipos mais repugnantes da sociedade. O beco correspondia, “de forma exemplar, a uma bela demonstração do que poderíamos chamar a maneira conflitiva de construir o espaço público” (PESAVENTO, 2001, p. 115).

A associação do cenário estigmatizado do beco à escuridão, deriva desse imaginário popular que condicionava esse local à margem, mas, a partir das pesquisas realizadas por Pesavento, observamos que essa construção não surgiu ao acaso, ela é fruto dos discursos proferidos no final do século XIX, que, ao falar dos becos, utilizavam uma linguagem de

⁷ Em algumas passagens do texto a autora irá se utilizar do termo “socialidades”, que, de acordo com a nossa livre interpretação, remete ao conceito de “sociabilidade”, amplamente aplicado nas Ciências Sociais.

estigmatização, sempre os comparando à obscuridade da noite. Nesse sentido, os becos, eram naturalmente apresentados como lugares noturnos e mal iluminados,

[...] propriedades às quais se acrescentam as dimensões do acanhamento, abafamento e desorganização, sendo, por decorrência, feio, sujo, fétido e perigoso, pois nele se concentram as socialidades condenáveis. O registro muda, e o conteúdo da palavra não fornece o significado topográfico, mas social e moral. O beco, assim, é o local por excelência da contravenção, mas, se recuperarmos este processo no tempo, chegamos à conclusão de que nem sempre foi assim (PESAVENTO, 2001, p. 115).

Topograficamente falando, o beco, por definição, é considerado um assentamento supostamente subnormal, deveras encontrado em regiões periféricas e ocupações clandestinas, ou seja, é uma via fora do padrão, construída de forma desordenada. Nele, a presença de pedestres pode ser maciça, ou simplesmente não existir. Segundo Sandra Jatahy Pesavento, o “beco” é

[...] na sua acepção usual, uma rua estreita e curta, geralmente fechada num extremo. "Beco" poderá ainda, numa acepção brasileira, designar esquina e, numa expressão figurada - "beco sem saída" - referir-se a uma situação difícil, embaraçosa. Quer parecer que, no caso em pauta, os "becos" seriam tanto as ruas estreitas e curtas, de designação genérica, quanto evocariam o significado da expressão figurada, como lugares difíceis e causadores de problemas a quem neles se aventurasse (PESAVENTO, 1999, p. 198).

O sentido pejorativo reservado ao termo beco e à própria configuração topográfica, passa a demarcar a diferenciação social presente no conjunto que constitui a cidade, principalmente quando se referia aos habitantes dos bairros centrais das cidades, que moravam forçadamente nesses espaços. Essa situação incômoda proporcionou uma mudança de concepção e sentido no léxico urbano. Assim,

[...] o sentido original do termo, de natureza mais propriamente topográfica, de rua estreita, com ladeira e aberta no curso natural de uma expansão urbana não planejada, na passagem do século XVIII para o século XIX, cede lugar a uma designação depreciativa que traduz uma avaliação ao mesmo tempo moral, estética e higiênica (PESAVENTO, 2001, p. 115).

Há, em alguns becos, também uma capacidade “sanitária” peculiar, no sentido de concentrar, nesses locais escuros e escondidos, práticas sexuais, cujo conhecimento a sociedade não deseja ter, tampouco com elas compactuar. Entre as paredes mal iluminadas da travessa, prostitutas entretêm alguns homens, saciando o impulso sexual dos mesmos. Tal espaço, nessa linha, é responsável pela distração de atores sociais não gratos, livrando a sociedade do convívio indesejável com certos tipos.

Pode parecer ingenuidade, atribuir uma solução, mesmo que paliativa, de algumas patologias sociais, como o estupro, a um beco, mas se pararmos para pensar, que o trabalho realizado pelas prostitutas vai além do prazer oferecido, é possível perceber, sim, que o beco é o cenário perfeito para esse tipo de trabalho. Mas, por que não utilizar um local mais reservado, nós nem diríamos apropriado, como um prostíbulo, ou um motel etc.? Um sujeito pode gostar de praticar sexo ao ar livre, ou, simplesmente não ter dinheiro para um consumo mais sofisticado. As respostas são diversas, podem ser simples, ou complexas, com motivações particulares ou coletivas.

Para o leitor essa ação vetorial contrária de contenção e estímulo do sexo, pode parecer contraditória, e, de fato, é; não tem como ser diferente, pois o beco é construído dentro de uma esfera repleta de incongruências. Essa, talvez, seja a característica primaz do nosso objeto.

Múltiplo, o beco é capaz de percorrer veredas que ultrapassam a sua condição física, perpassando os aspectos sócio-estruturais que compõem uma cidade, a maneira como esta é observada e representada, seja em um contexto social, seja em um contexto cultural.

Os processos ocorridos no beco podem ser também explicados à luz de algumas teorias antropológicas, a exemplo das noções de poluição e tabu. Nosso objeto é visto por muitos como um lugar escuro e perigoso, digno de ser evitado, uma espécie de anomalia, um apêndice prestes a supurar.

Nesse sentido, a antropologia clássica de Mary Douglas nos ajuda a compreender o desprezo que a sociedade tem em relação a essas subáreas da cidade. Na sua obra, *Pureza e Perigo*, Douglas descreve as sensações da sociedade e seus atores perante uma anomalia. Para a antropóloga,

[...] de início, a descoberta de uma anomalia cria ansiedade. O sujeito tenderá então a suprimir a anomalia ou a apartar-se dela. Até aqui, muito bem. Mas temos de procurar um princípio de organização mais eficaz para fazer justiça às elaboradas cosmologias que os símbolos de poluição revelam (DOUGLAS, 1991, p. 17).

Mary Douglas tem uma concepção diferente do que leva à supressão desses espaços na sociedade. A repulsa e a ideia de contágio, presentes nos espaços anômalos, não estão ligadas a uma mentalidade ou a instituições sociais rígidas, para ela, na verdade, talvez seja o contrário, “a reflexão sobre a impureza implica uma relação entre a ordem e a desordem, o ser e o não ser, a forma e a ausência dela, a vida e a morte” (DOUGLAS, 1991, p. 54).

Essa ideia de repulsa atrelada ao beco está aliada à forma pejorativa com que este lugar vem sendo nominado ao longo da história.

Assim, fica designado o beco, em uma esfera quase que polarizada, como representando a desordem, perante um lugar que deseja, hipoteticamente, se ordenar.

O beco representa a cidade que se pretende evitar, com sua escuridão e paredes sujas, esse lugar fétido denota as disparidades sociais que podem ser reveladas com a existência mútua desses fatores em um mesmo universo.

Pesavento concluiu que o beco, que também é uma rua, mesmo fisicamente menor e estreita, ao ser chamado de travessa não comporta o repúdio a ele designado. “A palavra beco abarca sentidos mais amplos do que a rua de dimensões reduzidas” (PESAVENTO, 1999, p. 198).

Para isso, várias imagens foram criadas em torno do objeto que se pretendia aniquilar, a exemplo da impressão coletada por Pesavento nos jornais de época gaúchos, ao falar do projeto urbanístico que pretendia criar a “nova” Porto Alegre:

[...] na voz dos jornais da época, os "becos" são sempre sórdidos, sujos, escuros, imundos. A designação alude à imagem da cidade que se quer destruir: é o próprio, atraso, velhice, feiura, crime e vício. Não há outro sentido, não há emprego que o exima do conteúdo pejorativo inequívoco. Perante os artigos da imprensa ou os documentos oficiais da municipalidade, a existência dos "becos" no centro da cidade, numa situação de enclave, era denunciada como constrangedora. O seu visual não só acanhado, mas vicioso e imoral, obrigava os moradores da "cidade alta" a estabelecerem verdadeiras estratégias de percurso para evitarem passar por tais lugares, verdadeiros "antros", "covis" que ofendiam a moral, a estética e as normas de higiene e dos preceitos modernos de urbanização (PESAVENTO, 1999, p. 198).

Essas representações foram e são calcificadas diariamente no imaginário popular. O ideal de cidade desinfetada da sordidez e degradação se alia a tão sonhada modernidade, tal como a autora já se referiu, quando tratou da passagem da Monarquia para a República, seja na Porto Alegre, pesquisada pela autora, seja na Aracaju por nós pesquisada. Aspiração, que, por hora, se apresenta com ambiguidade.

É dessa maneira que Bruno Halley percebe as travessas de Recife e seu processo de “higienização” que, por sua vez, fora iniciado a partir da exclusão da forma pejorativa como esses lugares eram denominados, ratificando a tese de Pesavento, que aloja o “beco” em uma zona estigmatizada da cidade.

O autor acredita que ao (re) batizá-los com o nome de alguns heróis pernambucanos, as concepções discriminatórias aos becos eram “materializadas, numa cidade que buscava se modernizar eliminando feições coloniais e tropicais do seu traçado urbano. Logo, a palavra beco fora apregoada como um nome do passado” (HALLEY, 2012, p. 07).

Esse processo de “redenominação” dos becos, transformando-os em travessas, também passou por Aracaju, de forma similar ao processo ocorrido em Recife, mas aqui observamos o apadrinhamento desses lugares em homenagem a pessoas que, acreditamos nós, exerciam alguma influência na sociedade da época.

Esses becos, tão comuns à periferia, marcam presença no tabuleiro que compõe a paisagem da cidade de Aracaju, presentes, também, em bairros nobres e de classe média.

Dentre os becos que foram rebatizados e “transformados” em travessas, encontramos o Beco do Açúcar, atual Travessa Deusdeth Fontes, localizado entre a Rua Laranjeiras e a Rua São Cristóvão.



Imagem 1 - Beco do Açúcar - Década de 1920. Sem autor definido⁸.

⁸ PORTO, Fernando de Figueiredo. Alguns nomes antigos do Aracaju. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2003.



Imagem 2 - Travessa Deusdeth Fontes - década de 1980. Sem autor definido⁹.

Nesse beco encontramos alguns detalhes curiosos, tal qual o nosso objeto de estudo sobre o qual voltaremos a tratar mais adiante e de maneira mais demorada. Ambos abrigam, ainda hoje, um pequeno comércio; no caso do Beco do Açúcar, um comércio tradicionalmente voltado às lojas de consertos de eletrodomésticos.

⁹ Jornal Gazeta de Sergipe nº 7.306- 23/02/1983.



Imagem 3 - Travessa Deusdeth Fontes na atualidade. Foto: José de Oliveira B. Filho.

Esses espaços também se identificam nos problemas. Falta de limpeza dos ambientes, sujos e mal cheirosos, que fazem com que a população os “consagrasse” como um sanitário público a céu aberto¹⁰.

¹⁰ Outros becos famosos na cidade são: o Beco da Bosta, atual Rua Arnaldo Dantas; o Beco do Cantagalo, atual Rua Sargento Florêncio, que estava localizado em uma ladeira que liga a Colina do Santo Antônio, marco zero de Aracaju, ao Bairro Mané Preto; o Beco Batina do Padre, atualmente conhecido como Rua São Francisco, também localizado no Bairro Santo Antônio, e, ainda no mesmo bairro, encontravam-se o Beco das Amêndoas; o Beco do Arame, atual Rua Sargento Duque e o Beco do Veneno. Ainda temos o Beco do Punhal, que se tornou a atual Rua Nestor Sampaio, localizado no Bairro Ponto Novo, logradouro de extrema importância na, pois faz algumas ligações importantes na cidade, como a da Avenida Rio de Janeiro à Avenida Hermes Fontes, Shopping Center etc.; dentre outros (CHAVES, Rubens Sabino Ribeiro. *Aracaju pra onde você vai?* Aracaju: Edição do Autor, 2004.). Na região central da cidade encontra-se, também, o Beco do Alecrim, que liga a Rua Lagarto à Rua Simão Dias; o Beco da Cerimônia, situado em uma pequena passagem no Bairro Industrial, nas proximidades do centro, entre a Rua São João e Avenida João Rodrigues. Nesse Bairro, da mesma forma, existiam o Beco do Anum, hoje chamado de Rua Armindo Guaraná e o Beco do Cigarro Victor, adjacente à Avenida Pedro Calazans, anteriormente chamada de Rua do Rosário.

Desordenado por essência, o beco tem uma capacidade organizacional de causar inveja, um contraponto que pode se apresentar de forma confusa, mas que é capaz de elucidar muitos questionamentos. A infraestrutura precária e aleatória dessas travessas buscava sanar problemas de locomoção de pedestres, facilitando o acesso às ruas. Queremos com isso dizer que o beco, contraditoriamente, constitui, muitas vezes, local facilitador para o fluxo de pessoas, pois serve como ligação entre determinados pontos citadinos, embora, geralmente, consista em um lugar pouco utilizado, por ser negligenciado, denotando a representação do que é marginalizado, escuro e desprezado.

O beco é, assim, um espaço dotado de finalidade – rota de passagem –, sobre a qual, contudo, não incide, em regra, a devida atenção, motivo por que tal local, no mais das vezes, é sucateado e deteriorado, modificando a sua função primaz (ligar logradouros) para, desse modo, transformar-se em uma zona desprovida de políticas públicas, onde concentra tudo o que é repugnado pelo Estado e pela sociedade.

Lembremos, conforme já adiantado, que o beco não existe por si só, haja vista que não há intenção estatal nem social em criar um lugar com essas características. Em verdade, o beco serve, de acordo com o que a experiência prática nos revela, como um “aproveitamento das sobras” espaciais de determinadas construções, sendo erguido para permitir uma fluidez mais satisfatória aos usuários das áreas urbanas, mas que, rotineiramente, perde sua função original, por conta da insalubridade presente nos ambientes em que é erigido, virando, com o passar dos tempos, um reduto de esquecimentos.

Creemos, portanto, que o beco é um lugar surgido sem planejamento prévio, sem projeção inicial e que, sendo originariamente um nada, vai adquirindo forma e função a partir dos usos e costumes que lhe são conferidos pelas pessoas e pelo Poder Público, forma e função essas que, usualmente, correspondem a fins pouco produtivos e carregam um pesado estigma negativo e desfavorável, razão pela qual é mais do que comum enxergarmos nele ponto de tráfico de drogas, de prostituição, de depósito de lixo, de excreção “humano-fisiológica” etc., o que, seja dito de passagem, não aparenta ser fruto do acaso, mas, verdadeiramente, uma forma de ocultar tudo aquilo cuja visão não agrada aos olhos do corpo social.

1.4 Impressões estéticas acerca do beco

Os becos não podem ser vistos apenas unilateralmente, pois, além da sua estrutura física peculiar, o beco carrega na sua essência uma literalidade quase que excêntrica permeada de analogias românticas e passionais.

A utilização da expressão “estar em um beco sem saída” é apenas um exemplo do uso e apropriação desse objeto. O modelo serve para expressar uma situação de angústia e desconforto, dentre outras ressignificações que as pessoas podem fazer, tornando-o múltiplo e maleável. Mas iremos prosseguir com mais afinco nessa temática no decorrer do texto.

Esse espaço marginalizado teima em sobreviver perante todas as depreciações e ambiguidades nas quais se vê envolvido, haja vista, a constante presença do beco na literatura, na música e na arte brasileira.

Em uma pesquisa superficial na internet em sites de armazenamento de música, é possível perceber a amplitude do verbete literal do beco e seu espaço físico. Só as citações da expressão “beco sem saída” ultrapassam mais de 1.000 referências; somadas às descrições do beco enquanto objeto totaliza mais de 4.000 menções¹¹. Já os títulos de músicas com a expressão supracitada chegam a pouco mais de cem.

Na leitura dessas canções ficou claro o estigma direcionado à imagem do beco, pois na maior parte delas constava a descrição pejorativa dessa localidade, sempre ressaltando o aspecto perigoso e escuro dos becos.

Herbert Vianna, vocalista da banda Paralamas do Sucesso, compôs o que nós consideramos como o clássico das canções que falam do assunto, a música “O Beco”, presente no disco Bora, Bora, de 1988. Nela estão elencadas as descrições mais comuns desse espaço, como podemos ler, integralmente, a seguir, na letra da canção:

¹¹ Os domínios utilizados na pesquisa pertencem aos sites www.vagalume.com.br e www.cifraclube.com.br.

O Beco

(Herbert Vianna)

No beco escuro explode a violência
Eu tava preparado
Descobri mil maneiras de dizer o teu nome
Com amor, ódio, urgência
Ou como se não fosse nada

No beco escuro explode a violência
Eu tava acordado
Ruínas de igrejas, seitas sem nome
Paixão, insônia, doença, liberdade vigiada

No beco escuro explode a violência
No meio da madrugada
Com amor, com ódio, urgência
Ou como se não fosse nada

Mas nada perturba o meu sono pesado
Nada levanta aquele corpo jogado
Nada atrapalha aquele bar ali na esquina
Aquele fila de cinema
Nada mais me deixa chocado

Link: <http://www.vagalume.com.br/paralamas-do-sucesso/o-beco-1.html#ixzz2OxnorGN8>

Essas “descrições comuns” estão diretamente ligadas à “temática de violência urbana e associadas à ideia de espaço noturno”. Como percebemos a concepção marginal do “estrito logradouro” direciona o sentido dessa canção (HALLEY, 2012, p. 06).

Mas, não é apenas na música dos anos 1980 que encontramos descrições acerca dos becos. Cantores expressivos da Música Popular Brasileira também se apropriaram desse tema para compor e cantar canções, como Milton Nascimento e o seu “Beco do Mota¹²”, que faz parte do álbum homônimo Milton Nascimento, do ano de 1969:

¹² A canção Beco do Mota é muito representativa para a história recente mineira e quiçá, brasileira. Primeiramente vetada do terceiro álbum lançado por Milton Nascimento pela censura, a canção composta em parceria com Fernando Brant descrevia um beco localizado na cidade de Diamantina, Minas Gerais. Na verdade, a descrição desse beco servia como uma espécie de metáfora que pretendia falar da fuga dos nossos compatriotas para outros países após a aprovação do temido AI – 5, na época da ditadura militar.

Beco do Mota¹³

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Clareira na noite, na noite
Procissão deserta, deserta
Nas portas da arquidiocese desse meu país
Procissão deserta, deserta

Homens e mulheres na noite
Homens e mulheres na noite desse meu país
Nessa praça não me esqueço

E onde era o novo fez-se o velho
Colonial vazio
Nessas tardes não me esqueço
E onde era o vivo fez-se o morto
Aviso pedra fria

Acabaram com o beco
Mas ninguém lá vai morar
Cheio de lembranças vem o povo
Do fundo escuro do beco

Nessa clara praça se dissolver
Pedra, padre, ponte, muro

E um som cortando a noite escura
Colonial vazia
Pelas sombras da cidade
Hino de estranha romaria
Lamento água viva

Acabaram com o beco...
Procissão deserta, deserta
Homens e mulheres na noite
Homens e mulheres na noite desse meu país

Na porta do beco estamos
Procissão deserta, deserta
Nas portas da arquidiocese desse meu país
Diamantina é o Beco do Mota
Minas é o Beco do Mota
Brasil é o Beco do Mota

Link: <http://www.vagalume.com.br/selma-reis/beco-do-mota.html#ixzz2OxtBGSyi>

Os becos que representam um Brasil esvaziado durante a ditadura, os becos que abrigam

¹³ O Beco do Mota também comportava uma zona boêmia da cidade de Diamantina, mas, de forma similar a vários becos do Brasil, passou por um processo de “purificação”, até ser demolido e expurgado da paisagem da cidade mineira.

drogados e prostitutas que a sociedade não deseja ver fazem parte dessas criações artísticas.

Ao descrever um beco em sua poesia, “Becos de Goiás”, Cora Coralina apresenta a atmosfera marginal que encobre este tipo de lugar, detalhando os aspectos espaciais e higiênicos desse espaço: “bem estreito e sujo como compete a um beco genuíno. Esquecido e abandonado, no destino resumido dos becos, no desamor da gente da cidade”.

Os Becos de Goiás

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
calçando de ouro a sandália velha,
jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
descendo de quintais escusos
sem pressa,
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.
Amo a avenca delicada que renasce
na frincha de teus muros empenados,
e a plantinha desvalida, de caule mole
que se defende, viceja e floresce
no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha
que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,
secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,
no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
Franzino, maltrapilho,
pequeno para ser homem,
forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura
todo o errado da minha terra.

Becos da minha terra,
discriminados e humildes,
lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.
Beco do Cotovelo.

Beco do Antônio Gomes.
 Beco das Taquaras.
 Beco do Seminário.
 Bequinho da Escola.
 Beco do Ouro Fino.
 Beco da Cachoeira Grande.
 Beco da Calabrote.
 Beco do Mingu.
 Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos,
 dos becos da minha terra,
 suspeitos... mal afamados
 onde família de conceito não passava.
 “Lugar de gentinha” - diziam, virando a cara.
 De gente do pote d’água.
 De gente de pé no chão.
 Becos de mulher perdida.
 Becos de mulheres da vida.
 Renegadas, confinadas
 na sombra triste do beco.
 Quarto de porta e janela.
 Prostituta anemiada,
 solitária, hética, engalicada,
 tossindo, escarrando sangue
 na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.
 Becos de assombração...
 Altas horas, mortas horas...
 Capitão-mor - alma penada,
 terror dos soldados, castigado nas armas.
 Capitão-mor, alma penada,
 num cavalo ferrado,
 chispando fogo,
 descendo e subindo o beco,
 comandando o quadrado - feixe de varas...
 Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,
 perdidas,
 começavam em boas casas, depois,
 baixavam pra o beco.
 Queriam alegria. Faziam bailaricos.
 - Baile Sifilítico - era ele assim chamado.
 O delegado-chefe de Polícia - brabeza -
 dava em cima...
 Mandava sem dó, na peia.
 No dia seguinte, coitadas,
 cabeça raspada a navalha,
 obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
 na frente da Cadeia.

Becos da minha terra...
 Becos de assombração.
 Românticos, pecaminosos...

Têm poesia e têm drama.
 O drama da mulher da vida, antiga,
 humilhada, malsinada.
 Meretriz venérea,
 desprezada, mesentérica, exangue.
 Cabeça raspada a navalha,
 castigada a palmatória,
 capinando o largo,
 chorando. Golfando sangue.

(ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.
 Traz uma entrada grátis do São Pedro de Alcântara.
 Uma passagem de terceira no grande coletivo de São Vicente.
 Uma estação permanente de repouso - no aprazível São Miguel.

Cai o pano.

(CORALINA, 2001a, p. 92)

A autora traduz no seu texto não apenas a estrutura do beco, mas revela, a partir dessa observação, a vida na cidade, baseada nas percepções capturadas em uma travessa, como nos alerta Britto:

[...] em vários poemas e contos, a vida da cidade é traduzida a partir da vida nos becos, dos personagens que nele residem e circulam, das relações e reações que provocam como palco ou bastidor. O beco contrapunha-se ao largo. Enquanto os largos eram ligados pelas ruas principais, onde viviam as famílias da sociedade reconhecida, os becos eram construções para facilitar o acesso às ruas, geralmente surgindo na confluência dos quintais e funcionando como repositório de tudo o que a sociedade desejava evitar. O beco é o lugar a partir do qual Cora Coralina desvendou a vida da sociedade de seu tempo (BRITTO, 2007, p. 118).

Na poesia de Cora Coralina, os becos servem para aproximar, facilitar os acessos, mas são também um entrave, servindo como um local de expurgo, onde é colocado tudo que deve ser excluído, evitado.

A atmosfera do beco também inspirou o escritor baiano Jorge Amado, que, ao construir o romance “Tereza Batista cansada de guerra”, descreve o ambiente que é objeto do nosso estudo, o Beco dos Cocos.

Nesse romance¹⁴, o autor realiza uma verdadeira etnografia da zona de meretrício de Aracaju na década de 1940. Trata-se de uma rica descrição acerca do centro da capital, mais principalmente do Beco dos Cocos e seus prostíbulos, que o a área que nos interessa no momento.

[...] O Jazz-Band da Meia-Noite se desdobra, a freguesia gastando na cerveja batida, no uísque. No cabaré Paris Alegre a “juventude doirada de Aracaju se diverte a preços razoáveis”, segundo os prospectos fartamente distribuídos na cidade, entendendo-se por juventude doirada de Aracaju empregados no comércio e nos escritórios estudantes, funcionários públicos, caixeiros-viajantes, o poeta José Saraiva, o jovem pintor Jenner Augusto, uns quantos formados, outros tantos vagabundos e múltiplos profissionais de ofício e idade variável, alguns prolongando a juventude doirada além dos sessenta (AMADO, 1978, p.16).

Ao tratar da rotina da sua personagem, o autor também descreve, ainda que superficialmente, a atmosfera do beco, sobretudo dos cabarés lá existentes. Nesse caso, o beco se apresenta, mais uma vez, como o abrigo de prostitutas, boêmios marginais e toda sorte de excluídos da sociedade. Além de zona de entretenimento, devido a sua geografia. Trazendo, também, indícios sobre a configuração da sociedade que o frequentava.

¹⁴ Publicado em 1972, o romance em tela, conta a história de uma órfã nascida no sertão de Sergipe, que ao completar 12 anos é vendida por uma tia a um Capitão. Após ser abusada sexualmente, Tereza se torna objeto do seu almozinho, vindo a atacar depois o “seu dono”, motivo pelo qual é presa até ser libertada e enviada a um convento. Ali permanece até escapar com a ajuda de uma cafetina. Posteriormente, após a morte do seu amante, um influente usineiro chamado Emiliano Guedes, Tereza segue desamparada. Com o passar do tempo, a personagem segue para Aracaju, onde se torna sambista em um cabaré e lá se apaixona por Januário Gereba. Desiludida com o amor, pois seu amante era casado, Tereza segue rumo a Salvador, onde lidera um movimento em prol das prostitutas, chamado de “greve do balaio fechado”.

CAPÍTULO 2

Um beco perdido na história de Aracaju¹⁵

2.1 O Beco dos Cocos e o seu entorno

Para entendermos melhor o funcionamento do Beco dos Cocos como uma possível referência identitária, representação existente no imaginário das pessoas, e de que maneira o poder público atua na função de agente fomentador de símbolos nessa região, apresentaremos, nesta etapa do texto, um pouco da história do objeto que impulsionou esta pesquisa e os fatores que fizeram emergir o debate fundamentador de algumas das nossas indagações: por que o Beco não é um patrimônio institucionalizado? Como ele participa no constructo de algumas categorias?

Neste tópico, apresentaremos, de forma breve, a história de Aracaju, desde sua fundação, concentrando nossa atenção sobre a região correspondente ao entorno do objeto, com intuito de explorarmos alguns indícios referentes e complementares a falta de registros históricos sobre o Beco.

Aracaju foi inaugurada em 17 de março de 1855, a partir de um projeto arquitetônico criado por Sebastião J. B. Pirro, razão pela qual depois seria denominado de *quadrilátero de Pirro*. O projeto proposto para a edificação da nova capital estabelecia medidas acerca da largura das ruas e a distância das casas com relação ao meio fio.

É provável que em um primeiro momento, alguns barracões tenham sido construídos em meio às residências mais abastadas, que, por sua vez, foram edificadas pelos próprios moradores. Outra possibilidade é a que coloca o Estado como o responsável pela implantação de residências oficiais que assegurassem a permanência dos primeiros moradores da capital em condições minimamente satisfatórias. São os códigos de postura posteriores que vão expulsar os moradores

¹⁵ O termo “perdido” faz referência à falta de interesse em se estudar a região do Beco dos Cocos, especificamente.

menos aquinhoados, pois não cumpriam as exigências de urbanidade impostas. Nesse sentido,

[...] o conjunto das primeiras leis e procedimentos que tentaram dar condições para que [Aracaju] se sustentasse enquanto espaço urbano, enquanto cidade e capital, apoiou-se nessa visão de desenvolvimento, cujo maior desafio nos seus primeiros anos foi vencer os obstáculos do terreno, das suas características ambientais, geográficas e, ao mesmo tempo, implementar o modelo de composição espacial planejado pelos cálculos da engenharia de Sebastião Pirro (SANTOS, 2007, p. 81).

Dessa forma, são as leis e procedimentos que regulam as condições de moradia dos primeiros habitantes de Aracaju e não o projeto criado por Pirro, cuja preocupação substancial estava mais próxima de uma “composição espacial”.



Imagem 4 - Mapa de Aracaju - 1855. Fonte: Revista de Aracaju nº 02 – 1944. Na segunda etapa buscamos mostrar, através do *Google Earth*, a imagem mais moderna da cidade, em comparação ao mapa original da capital sergipana. Em marcação azul, vemos que, possivelmente, o canal da ponta do Tramandai foi antropizado e transformado em canais de esgotamento sanitário. Já a marcação em vermelho mostra-nos o local onde foram levantadas as primeiras edificações de Aracaju, conforme mapa de 1855.



Imagem 5 - Planta de Aracaju – 1857. Fonte: Revista de Aracaju nº 02 – 1944.

É nesse contexto de desenvolvimento e transformação que iremos abordar os aspectos da criação do Beco dos Cocos, assim denominado, segundo populares, por ter sido rota de passagem

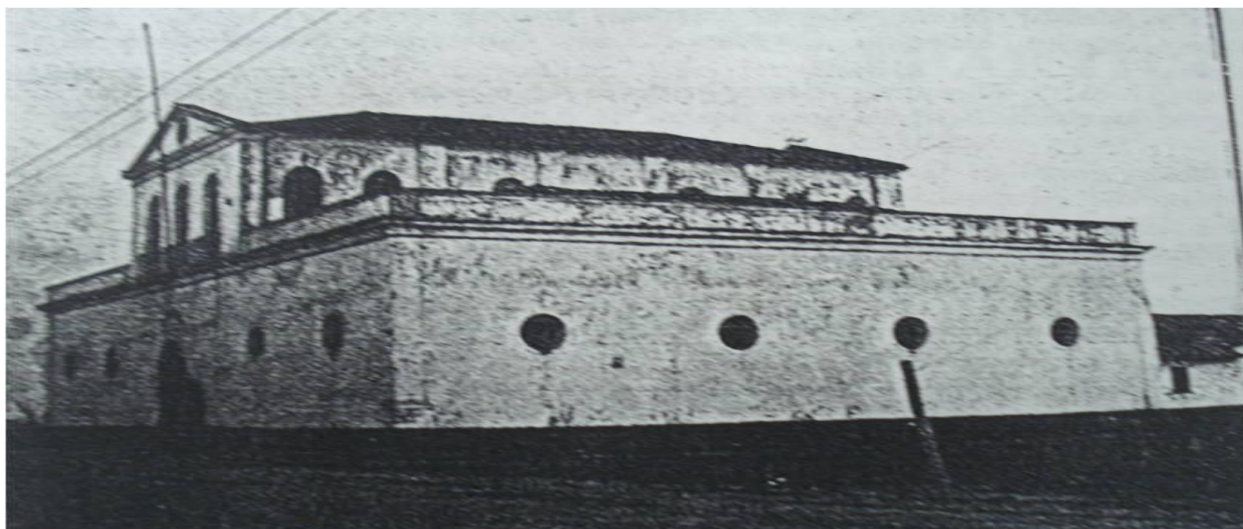


Imagem 07 - Antigo prédio da Alfândega, s/d¹⁶. Fonte: SILVA, Clodomir. Álbum de Sergipe - 1820-1920.



Imagem 08 - Prédio da Alfândega na atualidade. A visão que se tem é a partir da - Praça General Valadão, estando o seu fundo voltado para a Av. Ivo do Prado que margeia todo o curso do Rio Sergipe, no trecho em que ele percorre a região central da cidade.

¹⁶ A edificação permanece no mesmo lugar da sua construção, na Praça General Valadão, estando sua frente voltada para o Rio Sergipe de onde provinha toda a produção agrícola do Estado.

A transferência da Mesa de Rendas Oficiais e a construção da Alfândega em Aracaju representam a real intenção de alguns setores da sociedade sergipana, como políticos e grandes fazendeiros, em transformá-la na capital do Estado.

O Beco é formado pela proximidade de dois quarteirões que fazem fronteira com o prédio da Alfândega. Um desses quarteirões foi ocupado ao longo do tempo por diversas instituições oficiais, como a Secretaria de Estado da Saúde, antiga cadeia pública. O outro quarteirão é estruturado por uma extensa construção padronizada em torno de dois pisos, com fachadas elegantes a ponto de ter sido comparada pelos próprios moradores da região com o Vaticano. Voltaremos esse ponto adiante. Assim, o Beco parte da Praça General Valadão, onde foi construído o prédio da alfândega e se estende até a Rua Santa Rosa, o que revela a sua centralidade, pelo menos em termos topográficos.

Ao contrário da maior parte das cidades brasileiras, Aracaju foi projetada por recomendação direta do governante da época, Inácio Barbosa. Segundo boa parte dos historiadores sergipanos, como podemos ver no seguinte excerto, a planta criada por Sebastião Pirro estruturava a capital tal qual um tabuleiro de xadrez, “com formas rígidas e quarteirões retangulares, onde privilegiava a moradia da oligarquia açucareira do Estado de Sergipe e os primeiros órgãos públicos da nova capital” (CAMPOS, 2005, p. 207). Porém, acreditamos que a construção da nova cidade não aconteceu de forma tão engessada.

Não havia investimento efetivo do capital privado, pois eram poucos os que acreditavam na permanência de Aracaju como o centro administrativo sergipano. Segundo José Calazans, aqueles que pretendiam investir na nova cidade o faziam de forma a economizar o máximo possível, o que acarretou uma série de problemas ao governo, que, além de controlar o furto do barro, realizado, segundo o autor, pelos próprios operários, responsáveis pela edificação das ruas, investia também em auxílios e facilidades para a construção das casas (SILVA, 1992, p. 80).

A situação era preocupante e afetava diretamente os cofres públicos da província. As medidas que propunham a urbanização da cidade variavam de aforamentos de terrenos de marinha, a ajudas de custo para o transporte etc., o que afetava a execução do projeto urbanístico elaborado por Pirro, fazendo-o lamentar as modificações impostas à sua intenção inicial. O engenheiro havia proposto um traço retilíneo da extensão da linha da praia, que iria desde a Alfândega até 600 braças

para o sul (SILVA, 1992, p. 80). O que não pode ser verificado, haja vista a quantidade significativa de construções desordenadas, edificadas sem o respaldo de profissionais.

[...] Ao lado destas edificações particulares, surgiram também, no correr de 55 [1855], os primeiros prédios públicos. Além da Mesa de Rendas, cuja construção fora iniciada antes de 17 de março [1855] (...). Uma delas, a Alfândega, orçada em vinte e um contos de réis (SILVA, 1992, p.81).

Na região da Olaria, lugar central, onde a cidade foi edificada, o terreno era alagadiço e coberto de mangue, o que dificultou tanto o aterramento quanto a construção das ruas mais próximas do rio, em razão do movimento das marés, conforme se pode depreender do livro “Roteiro de Aracaju”, escrito por Mário Cabral, segundo o qual:

[...] a Avenida Rio Branco, onde está localizada parte do alto comércio, a Avenida Ivo do Prado, cheia de residências burguesas, a Rua João Pessoa, a Rua Pacatuba, a Praça Camerino, todos esses logradouros, antigamente, eram terrenos dominados pelas águas, garotos nus pescando siris, tomando banho nos lugares de maior profundidade (...). Ao oeste estão os bairros proletários, o Bairro Joaquim Távora e Bairro Siqueira Campos, populoso, imenso, intrincado, zona da oficina da estrada de ferro, zona das festas de São João, zona do barulho, com seus cafés dançantes, seus cabarés de ínfima categoria, cheios de soldados, de estivadores, de marinheiros e de prostitutas (2002, p. 40).

Ao descrever o aterramento da região central da cidade, Mário Cabral, nos oferece indícios da instalação de uma zona de meretrício na capital sergipana.

De acordo com a história, Pirro a todo o momento buscou construir uma cidade “moralizada”, no sentido da manutenção de uma ordem estética e higiênica. No espaço urbanístico proposto pelo engenheiro não cabiam práticas “degradantes” como a prostituição.

Em contrapartida, os atores que usufruíam dessa região central necessitavam de uma local para a prática e consumo do sexo, que deveria ser velada e escondida. Mas, a dificuldade de acesso às “zonas de entretenimento adulto”, a exemplo da imposta pelo Morro do Bonfim¹⁷ e suas dunas,

¹⁷ O Morro do Bonfim era uma região composta por uma formação de dunas que circundava a área mais habitada do centro, separando-a do oeste a que se refere Mario Cabral e de toda sorte de práticas escusas e renegadas ali

prejudicava a “diversão” desses “homens de bem” e “trabalhadores” que desejavam saciar os seus impulsos sexuais.

Talvez por isso a proximidade do Beco de locais que abrigavam diversos tipos de trabalhadores, como os carregadores de coco, que lá desembarcavam carregamentos do fruto, marinheiros, estivadores, além de personalidades da sociedade legítima, como os políticos locais, dentre outros, possibilitou a instalação de cafés, boates e cabarés especializados na oferta do sexo na região central de Aracaju.

Acreditamos que a urbanização de Aracaju aconteceu de forma problemática e foi também responsável pela vinda de muitos trabalhadores que aqui construíram suas casas. “Começava o combate do homem contra o riacho, contra o pântano, contra a lagoa, numa palavra, contra a água, o grande inimigo do povoador da nova cidade” (SILVA, p. 82, 1992).

Entre os anos de 1855 e 1860, Aracaju triplica o seu contingente populacional. Essa marca é alcançada graças à forte migração de trabalhadores oriundos da zona rural do Estado. Agricultores que aqui se instalavam para ajudar a construir a nova capital, mas esse grupo de operários não usufruía dos espaços projetados da cidade, estabelecendo-se nas regiões adjacentes, formando uma nova área precária e desestruturada (SANTOS, p. 96, 2010).

Aracaju delineava seu processo urbanístico em moldes segregacionistas, como conclui Antônio Carlos Campos (2005), ao analisar a tese do geógrafo sergipano Fernando Porto de que mesmo tendo sido construída à luz de ideais que propunham a liberdade, o modelo aqui adotado era excludente. Ou seja, os migrantes que aqui se instalavam “somente poderiam construir suas casas de palha no alto das dunas e fora da área denominada como ‘Quadrado de Pirro’, respeitando as normas contidas no Código de Postura de 1856, uma espécie de plano diretor da época” (op. cit., p. 207)

Tendo em vista que Aracaju passa a se destacar (dentro do Estado de Sergipe) economicamente nos anos de 1900, são os primeiros trinta anos do século XX que se enquadram como marco no desenvolvimento da capital, que, por sua vez, recebe uma melhora nos seus serviços públicos, na sua infraestrutura e em outros aspectos:

encontradas. Seu se deu na década de 1950e representou um avanço considerável para o plano urbanístico da cidade, já que no próprio espaço que correspondia ao Morro do Bonfim, foi construída a primeira estação rodoviária da Capital, além de suas areias terem possibilitado o aterramento de outras áreas de Aracaju, permitindo a criação de novas ruas e avenidas.

[...] na primeira metade do séc. XX, o crescimento econômico do Estado influenciou diretamente na vida da cidade, quando houve o primeiro grande aumento da população e dos investimentos das classes dominantes na capital. Nessa época, o Estado iniciou a implantação dos equipamentos urbanos importantes, como água encanada e bondes a tração animal (1908), energia elétrica (1913), serviços de esgoto (1914), rede de telefonia (1919) e bondes elétricos (1926) (CAMPOS, 2005, p. 208).

O implemento de novas tecnologias, na década de 1930, permitiu que Aracaju avançasse de forma considerável, no tocante ao desenvolvimento e construção de uma rede de transportes, o que a aproximou de algumas fronteiras interestaduais.

É nesse momento da história da capital sergipana que começamos a verificar indícios substanciais para a participação do Beco nesse processo, pois é em meados de 1940 que o Beco começa a se caracterizar como o maior reduto boêmio da capital, segundo os dados colhidos nas obras de alguns memorialistas sergipanos.

2.2 O beco e o seu interior

O memorialista sergipano Murilo Melins, ao falar das Boates e Cassinos aracajuanos nas décadas de 1940 e 1950, descreve o interior do Beco dos Cocos da seguinte maneira:

[...] no Beco dos Cocos, além do Cassino Bela Vista e o Dancing Xangai, estava a Pensão de Marieta, a mais elegante e seleta, frequentada por banqueiros, comerciantes, industriais e rapazes da elite, ali encontravam-se as mais caras e bonitas damas da noite. Mulheres da vida, mas que devido à descrição [sic] dos seus trajes e da maquiagem, frequentavam normalmente o comércio das Ruas João Pessoa e Laranjeiras, iam à matinês do Rio Branco, Rex e Vitória, confundindo-se com as madames e senhoritas. Lembramos algumas, que por lá passaram. Linda, a mais bonita de todas, Princesinha, Verdinha, Fuenga, Tufi bela morena, bem educada e antiga professora, Helena Jabá, Arlete, Maura e a famosa Gilda, que possuía o maior número de vestidos, sapatos e joias. Esse apelido foi dado, devido à aparência física e porte, com a estrela do cinema americano Rita Hayworth, que desempenhou em um filme a personagem Gilda, título do filme (MELINS, 2007, p. 365).

Como se depreende dessa citação o Beco dos Cocos havia se tornado uma das principais zonas de meretrício da cidade, entre os anos 1940 e 1950, concentrando uma quantidade significativa de “cabarés”, alguns muito sofisticados, outros com uma decoração particular e curiosa, como o “Xangai”, ornamentado em temas orientais.

Quanto aos atores envolvidos em tal ambiente, muitos dos que deveriam restringir sua circulação ao reduto escuso do Beco, a exemplo das “mulheres da vida”, travestiam-se de “moralidade”, com roupas e maquiagem inspiradas nos trajes usados pelas “pessoas de bem”, para conviver, mesmo que apenas na sessões de cinema, igualitariamente, a ponto de não ser possível diferenciar as prostitutas das madames.

Interessante observar a diferenciação dos tipos de mulheres, feita de forma inconsciente pelo memorialista, retomando um trecho da citação, em que o autor fala dos trajes e da maquiagem das meretrizes, ele ressalta a semelhança, pelo menos externa, com “as mulheres de família” que frequentavam o comércio e os cinemas da capital.

Quanto à clientela, o público frequentador daquele reduto não se limitava apenas aos trabalhadores braçais e estivadores que circulavam pelos arredores do Beco dos Cocos. Os cabarés localizados no Beco também recebiam comerciantes, banqueiros e membros da elite sergipana, como relatam os autores consultados.

Não sabemos até que ponto essa associação entre mulheres da noite e senhoras de família é real, diante dos constantes relatos apaixonados de alguns memorialistas. Segundo, dois autores que trabalharam a prostituição em Aracaju na Era Vargas,

[...] os bordéis, os cabarés, os cassinos, os territórios da prostituição, os redutos da “arraia miúda” findavam constituídos enquanto espaços importantes na dinâmica da sociedade aracajuana. Tais locais permitiam ainda que indivíduos, à margem do processo de reelaboração de práticas, cumprissem papéis que em nenhuma outra esfera teriam possibilidade de exercer (LEÃO e SANTOS, 2011, p. 325).

Melins (2007, p. 366) também descreve em sua obra o interior das boates e cassinos existentes no Beco dos Cocos, como a boate “Dancing Xangai¹⁸”, por exemplo, que foi a primeira

¹⁸ Ainda hoje é possível observar o resto da fachada dessa boate, situada nos fundos do Palácio Serigy, antiga Cadeia Pública e atual Secretaria de Estado da Saúde.

boate da cidade a utilizar uma iluminação indireta¹⁹, segundo informações do autor. No seu andar térreo funcionava uma espécie de cassino, frequentado por dançarinos, amantes do jogo etc. Já no primeiro andar, ficavam os quartos e o espaço para a prostituição.

Hoje, a fachada do lugar que os populares apontam como a antiga “Dancing Xangai” não tem nenhum vestígio de qualquer iluminação ou luxo, apresentada pelo autor, como pode ser visto na imagem a seguir:



Imagem 09 – Fachada da boate “Dancing Xangai” na atualidade. Foto: Elayne Passos.

As ricas descrições do memorialista, também nos ajudam a conhecer a infraestrutura dessas boates. Mas, a todo o momento, o leitor deve questionar a veracidade dessas informações, que, passadas de uma forma tão apaixonada, nos confundem a todo o momento, pois essa visão “glamourizada” do Beco não condiz em nada com realidade por nós encontrada atualmente.

¹⁹ Esse tipo de iluminação clareia o ambiente como um todo. Como não tem um foco dirigido, é uma luz de ambientação.



Imagem 10 – Alguns usuários de *crack* no Beco dos Cocos. Foto: Ana Lícia Menezes.

No Beco dos Cocos também estava situado o “Cassino Bela Vista”, localizado na divisa com o Mercado Central, o qual, além da roleta e dos jogos de azar abrigava também os interessados em obter sexo fácil, que por sua vez, era encontrado nos pequenos quartos alugados às mulheres que ali dançavam e faziam vida” (MELINS, 2007, p. 368).

Nesse período, meados dos anos 1940, o Beco dos Cocos passa a reunir artistas, intelectuais e pessoas dos mais variados segmentos da sociedade em busca de divertimento. Foi lá que foi firmado um complexo integrado de boates e prostíbulos. Os mais conhecidos da cidade, além dos que já foram aqui mencionados, ficavam no próprio Beco ou ao seu redor, eram eles o Miramar, o Nighth and Day, o Luz Vermelha e o Fresca.

Entre as motivações para frequentar as boates e os cafés, do local, além do interesse sexual, estava também o encontro com amigos, evento muito apreciado e que atraiu para esses ambientes a elite intelectual da cidade, o que corrobora a vocação boêmia do Beco.

Contudo, de todos esses ambientes, não poderíamos deixar de fazer menção ao “vaticano” que até agora só foi citado de passagem. Trata-se de uma construção descomunal para os padrões arquitetônicos da cidade, pois o edifício ocupava todo um quarteirão, obedecendo sempre o mesmo estilo na fachada. A intenção dos seus proprietários era usar o prédio como ponto comercial e quiçá para residências. Porém, a sua ocupação atendeu outros princípios. Tornou-se espaço para o funcionamento de um sortido comércio e também serviu de moradia para várias pessoas. Mas foi sob esse aspecto que ele perdeu a sua característica inicial, conforme se depreende da citação abaixo:

[...] o Vaticano, “labirinto intricado”, concebido para ser o maior prédio de Sergipe, obra invejável, acabou tendo a sua imensidão tomada por operários, prostitutas, marinheiros, “índios” e outros. Jogos, prostituição, bebedeiras, confusões. Tudo isto instalado numa região próxima da sede do Governo, zona central da cidade (MAYNARD, 2009, p. 141).

No tocante à arquitetura dos prédios presentes no Beco e seu entorno, ressaltamos aqui a infraestrutura do Edifício Vaticano, marca expressiva da arquitetura presente no centro da cidade, hoje deteriorado pelo tempo, de tal maneira que nem o conseguimos reconhecer. Esse prédio tomava uma porção considerável do Beco dos Cocos, “um trecho da Rua Santa Rosa e terminava na Avenida Otoniel Dórea”.

.



Imagem 11 – Provável localização atual do antigo prédio do Vaticano - Google Earth.

Devido suas dimensões e seu estilo arquitetônico, recebeu o nome do Estado Papal” (MELINS, 2007, p. 363). Lá estavam abrigados desde comerciantes até prostitutas que ganhavam a vida nas adjacências do prédio. Mário Cabral descreve com riqueza a arquitetura do prédio e os tipos que lá habitavam, razão pela qual o citaremos na íntegra:

[...] o Vaticano (...) é um monstruoso prédio (...). O Vaticano de outrora sem as modificações introduzidas posteriormente. Você penetraria um largo pórtico, pórtico de museu ou de igreja. E subiria, logo depois, uma escadaria imponente. Ao chegar ao primeiro pavimento você estaria perdida, desorientada, em um terrível meandro de salas, quartos e corredores, sem saber recuar ou prosseguir. Você atravessaria dezenas de salas, dezenas de quartos, dezenas de corredores, você subiria e desceria dezenas de pequenas escadas, mas, ao fim de ingente esforço, você necessitaria do auxílio de um morador no sentido de acertar com a porta da saída. Eis o Vaticano, minha amiga. Uma multidão de

seres reside ali, naquele labirinto intrincado. Operários, canoeiros, soldados, prostitutas e marinheiros. Em baixo, no andar térreo, ficam os bilhares, as casas de jogo, os bares frequentados pela gente do cais, pelos estivadores e pelos maloqueiros. A cachaça corre com fartura e rara noite não sucede um conflito, uma luta corporal, luta de “peixeiras” afiadas e reluzentes. Mas, embora, no centro da cidade, a ronda policial evita intervir nas questões internas do Vaticano. Hoje o Vaticano está modificado. O labirinto foi desfeito. Mas, assim mesmo, é interessante percorrer as dependências. Você verá o Vaticano de Aracaju. Lá não há luxo e esplendor, mas sujeira e miséria. Os ratos, enormes, nojentos e agressivos, também são donos do velho casarão. Assim é o Vaticano da minha terra (CABRAL, 2002, p. 132).



Imagem 12 - Construção conhecida como “Vaticano”, antigo reduto da boemia aracajuana. Foto Arquivo: Murillo Melins.



Imagem 13 - Centro Histórico de Aracaju, perspectiva do rio Sergipe, com uma visão do que antes era o “Vaticano”, mais à esquerda. Exatamente atrás dessa faixa de prédios, onde lemos “Mendonça”, encontra-se o Beco dos Cocos. Foto: André Moreira.

Quanto à real localização dessa construção, observamos nas incursões ao Beco dos Cocos, que os próprios ocupantes da região, em sua maior parte comerciantes, não têm conhecimento da sua existência, e muitas das indicações obtidas, são conflituosas. Alguns dos entrevistados nos respondiam que o prédio estava localizado na esquina do Beco, no sentido norte em direção aos mercados, outros diziam que a porta principal do prédio estava voltada para a Avenida Otoniel Dórea. De acordo com o memorialista sergipano Murillo Mellins, provavelmente, o Vaticano estava situado entre a Rua Santa Rosa, esquina com o Beco dos Cocos, sentido norte, como observado na imagem anterior.

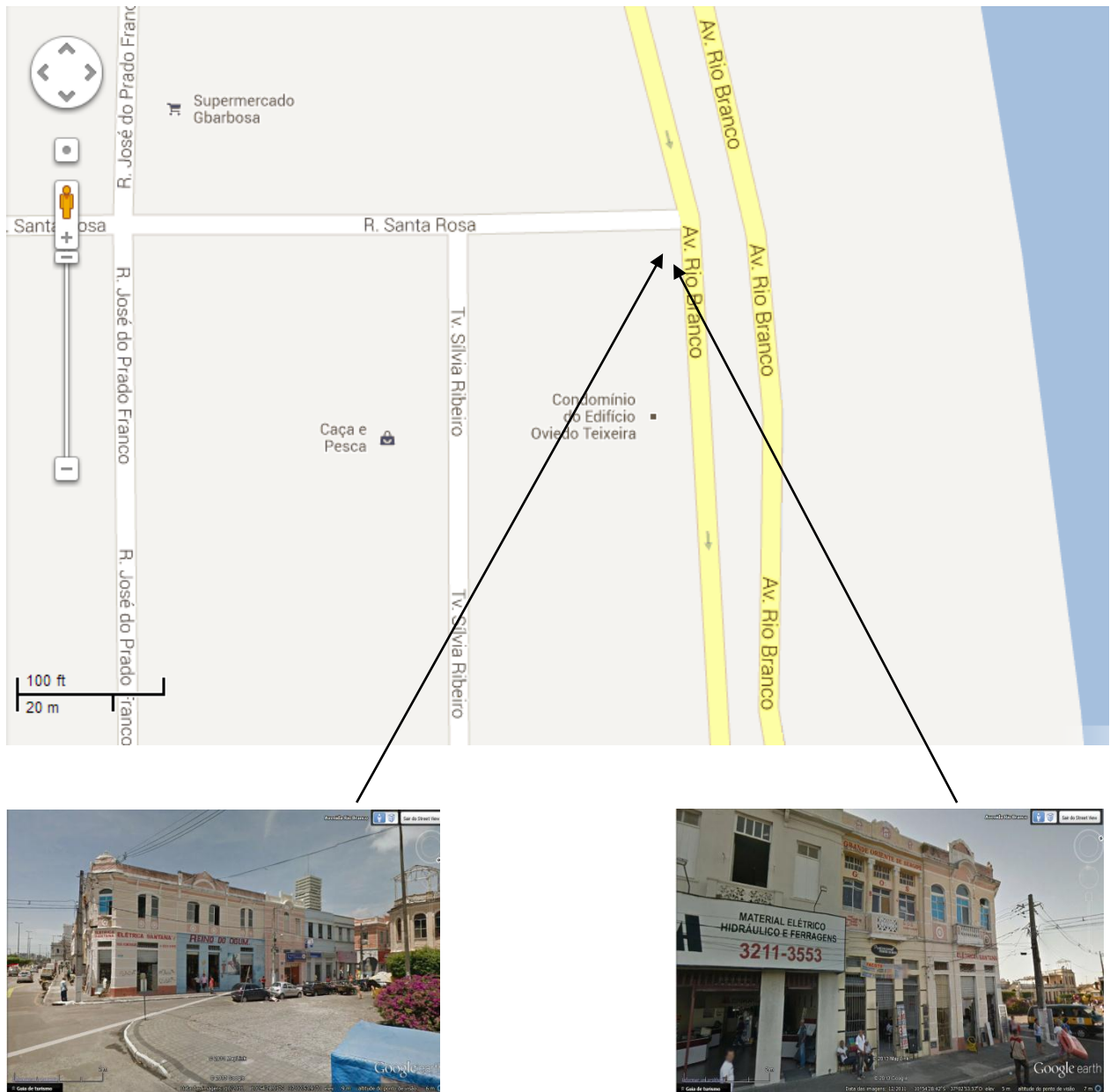


Imagem 14 – Mapa ilustrando as ruas, que, aparentemente, abrigavam o prédio do “Vaticano”.

O Vaticano de Aracaju funcionou durante um período como uma espécie de antítese à ordem moral da época que vigorava na sociedade aracajuana, e é provável que até hoje continuasse representando isso, caso ainda funcionasse.

Batizar como Vaticano um prédio que abrigava famílias pobres, operários das fábricas de tecido próximas ao centro da cidade, mas que também recebia prostitutas e contraventores é algo,

no mínimo, curioso. Não acreditamos que o idealizador dessa obra, ao elaborar o projeto do edifício, tenha tido a intenção de associá-lo a uma edificação religiosa, se houve alguma inspiração, acreditamos que ela tenha ocorrido de forma inconsciente, mas se a edificação foi assim denominada por pura chacota e ironia, por parte dos moradores e transeuntes da região. Não dispomos de informações precisas acerca do perfil sócio-estrutural dos moradores do Vaticano. O que nos foi informado é que boa parte deles para lá se dirigiu posteriormente, por conta do custo das habitações, bem abaixo do preço de mercado, além da sua localização, na área central da cidade ser muito estratégica em termos de deslocamento.

Segundo o historiador e jornalista Luiz Antônio Barreto, o centro da cidade “concentrava os navios e todos os tipos de embarcações, os trens, os caminhões que abasteciam o Mercado, as marinetes, sendo por isso mesmo área preferencial dos boêmios, notívagos”. Devido a isto, essa região se consagrou por receber “os cabarés e zonas de meretrício, que ganharam fama ao longo da história da cidade, marcando território para a boemia²⁰” (BARRETO, 2005).

Além do entretenimento adulto, a região investigada também se organiza em torno de outras atividades econômicas, dentre elas, prostíbulos e cassinos. Lá era possível encontrar também algumas “funilarias, vendedores de cordas, fumo de rolo, querosene, fífós e os concorridos ‘bumbas’ que vendiam os vinhos de jenipapo, murici e jurubeba do ‘burril’ e ‘as cachaças de Zé Manequim’” (MELINS, 2007, p. 352).

Alguns historiadores sergipanos, a exemplo de Andreza e Dilton Maynard (2009, p. 141), defendem outras possíveis funções sociais desse complexo de “entretenimento adulto” que se criou ao longo do Beco, como a iniciação sexual de muitos jovens sergipanos e a prevenção aos estupros. Para os autores, esses:

[...] eram meios de deter a gente do cais, os estivadores (não avançavam cidade adentro em busca de bebidas, jogos e sexo), maloqueiros e os demais clientes em seus ímpetos. O meretrício era uma realidade cotidiana que nem os jornais, nem os moralistas negavam – os higienistas vigiavam, mas não obliteravam completamente. E quem alimentava esta *civiltà putanesca* existente em Aracaju? Os seus clientes: os operários, jornalistas, intelectuais, jogadores profissionais, entre outros (2009, p. 141).

²⁰ Em uma acepção usual do termo “boemia” convém uma associação a tudo que está à margem das condutas aceitas socialmente, condicionando ao boêmio um interesse particular por tudo que envolva a arte e a cultura. Nesse sentido, nos sentimos aptos a caracterizar o Beco dos Cocos, também, como um local que por algum tempo abrigou parte da boêmia aracajuana. Por se tratar uma categoria muito complexa não nos caberia aqui tecer considerações mais longas acerca do tema, já que não é nosso objetivo de investigação.

Mas por que era necessário deter os estivadores, maloqueiros, resumindo, a “ralé”? As impressões que temos ao ler determinadas conclusões acerca da história da prostituição sergipana, se assim podemos denominar nesse tipo de pesquisa, é uma animalização de determinados tipos da sociedade.

À primeira vista, a citação anterior nos remete a um estado de barbárie, em que os tipos citados personificariam franco atiradores em linha de batalha, ou seja, bárbaros prestes a invadir o território de Aracaju, vencidos pelos encantos das prostitutas, que, por sua vez, atuavam como heroínas, cuja função era proteger as moças de família do assédio violento desses selvagens.

Essa função libertadora associada às supostas prostitutas heroínas, realizada no seio dos prostíbulos, segundo os autores, seria a responsável pela manutenção desse mercado sexual por algum tempo. Outro fator que propiciou esse estado seria a presença constante de intelectuais e autoridades, no que seria a “zona vermelha” da cidade. Por isso, essa região, ao respaldar as práticas sexuais e degradantes lá ocorridas, exercia uma espécie de confronto direto aos preceitos morais da sociedade aracajuana vigente. Ou seja, para os pesquisadores, “a tolerância com o Vaticano, a Zona do Bomfim, assim como outras regiões da prostituição ligou-se ainda, entre outros motivos, ao fato de muitos militares, médicos e políticos possuírem algum tipo de relação com a Zona” (MAYNARD, p. 142, 2009).

De acordo com os autores citados, a manutenção da zona de meretrício aracajuana, especificamente da sua região central, estava atrelada ao consumo sexual com presença da elite local. Mas encontramos na fala desses pesquisadores, algumas brechas que nos permitem questionar tais assertivas.

Primeiro, os argumentos por eles utilizados procuram minar a autonomia presente nas zonas de prostituição. Claro que a presença de determinado tipo de consumidor com um alto poder aquisitivo, por exemplo, pode contribuir para uma melhor valorização desses espaços, mas isso não é um condicionante para a sua existência, ou para a manutenção dessas zonas. Segundo, há uma hierarquia evidente em um local de prostituição que não é estabelecida em função do poder aquisitivo dos clientes apenas, mas também a partir de outras modalidades de função, como a dos cafetões e das prostitutas.

Não seria coerente que uma região que estava em constante disputa com a ordem vigente se submetesse a padrões sociais ou a qualquer imposição que afetasse diretamente a sua

infraestrutura peculiar. Há uma forte influência do poder público e dos consumidores para uma organização e manutenção desses espaços, mas essa não é uma premissa fundamental para a sua existência.

Houve uma tentativa de se aplicar no Beco uma função libertadora, pois além de receber o expurgo da sociedade, o Beco também era capaz de redimi-lo. Tais argumentos reforçam que a ideia que nos é passada acerca dos becos, pelo menos na historiografia sergipana, é que ela foi incorporada do imaginário popular, com pouca fundamentação teórica.

Por isso, por conta de todo esse imaginário, as personagens dos “becos” parecem se repetir. Como podemos observar na descrição que Pesavento transcreve de um jornal “O Independente” acerca do Beco da Fanha, em Porto Alegre:

[...] os moradores são ou vagabundos incorrigíveis ou prostitutas da mais baixa esfera, infelizes que às vezes nem têm o que comer e que, para poderem pagar o aluguel das casas, aglomeram-se 6 ou 8 em casas que com dificuldades conteriam 03 moradores. Nestas casas, a imundície é das mais flagrantes, sendo os apartamentos ao mesmo tempo sala, dormitório, sala de jantar, cozinha e latrina (1999).

Na fala coletada pela autora em um jornal de época, observamos todos os estereótipos associados aos moradores habituais de qualquer beco, mas o que nos interessa nesse trecho é perceber que, diferente das descrições dos jornais gaúchos, as descrições de alguns autores sergipanos ressaltam, justamente, o contrário. No nosso caso, o Beco abrigava prostitutas belas e capazes de circular por qualquer espaço social.

Em Porto Alegre, em Recife, em Aracaju, ou em qualquer lugar do mundo, os becos sempre irão existir; com formas repetidas, com moradores iguais e frequentadores escusos. Nele iremos encontrar tudo que a sociedade deseja ocultar, mas também encontraremos as mais diversificadas formas de compreender essa mesma sociedade que exclui os becos da sua história.

Portanto, assim podemos resumir a história do Beco: de um simples local de passagem de cargas a um reduto boêmio, endereço de famosos cabarés, conhecido como uma das maiores zonas de prostituição e tráfico de entorpecentes da capital sergipana, e hoje quase um banheiro a céu aberto.



Imagem 15 – Beco dos Cocos à noite. Foto: Marco Vieira.

CAPÍTULO 3

O Beco dos Cocos transformado em objeto de pesquisa

3.1 – Como o Beco dos Cocos se encontra na atualidade

Oficialmente denominado Travessa Silva Ribeiro²¹, o Beco dos Cocos fica localizado no Centro Histórico de Aracaju, entre a Praça General Valadão e os Mercados Centrais Antônio Franco e Thales Ferraz. Nossa inspiração para a realização desta pesquisa se deu por ocasião do lançamento de uma série de eventos de fruição noturna que passaram a ocorrer no Beco após uma pequena intervenção realizada no ambiente.

Além dessas ações de entretenimento que aconteciam no Beco, outras peculiaridades acerca da história desse lugar chamaram a nossa atenção para o desenvolvimento do nosso estudo: o processo de transformação de um lugar, que alcança seu ápice no início dos anos 1940, como consta nas obras de alguns memorialistas sergipanos, quando passou a atrair a presença de inúmeros intelectuais, constituindo-se como um dos redutos mais boêmios da cidade na época, em uma área decadente e abandonada do centro da cidade, além da curta retomada da área, ocupada recentemente para realização de eventos culturais.

²¹ Assim denominada por meio da Lei 03/49 de 09 de março de 1949. Trata-se de uma homenagem a José da Silva Ribeiro, sergipano de Simão Dias denominada por meio da Lei 03/49 de 09 de março de 1949. José da Silva Ribeiro. Comerciante e comerciante, trabalhou inicialmente com João Victor de Matos, que viria a ser seu sogro, depois fundando sua própria casa comercial – Silva Ribeiro & Cia, com a qual prosperou. Em 1927 estimula a Hora Literária General José Calasans, sociedade depois transformada em Academia Sergipana de Letras, da qual assumiu um papel de Mecenaz, tendo também recebido o título de benfeitor da mesma associação. (www.sindipetroalse.org.br/site/images/stories/visite%20aracaju/NOMESHOMENAGENS.doc).

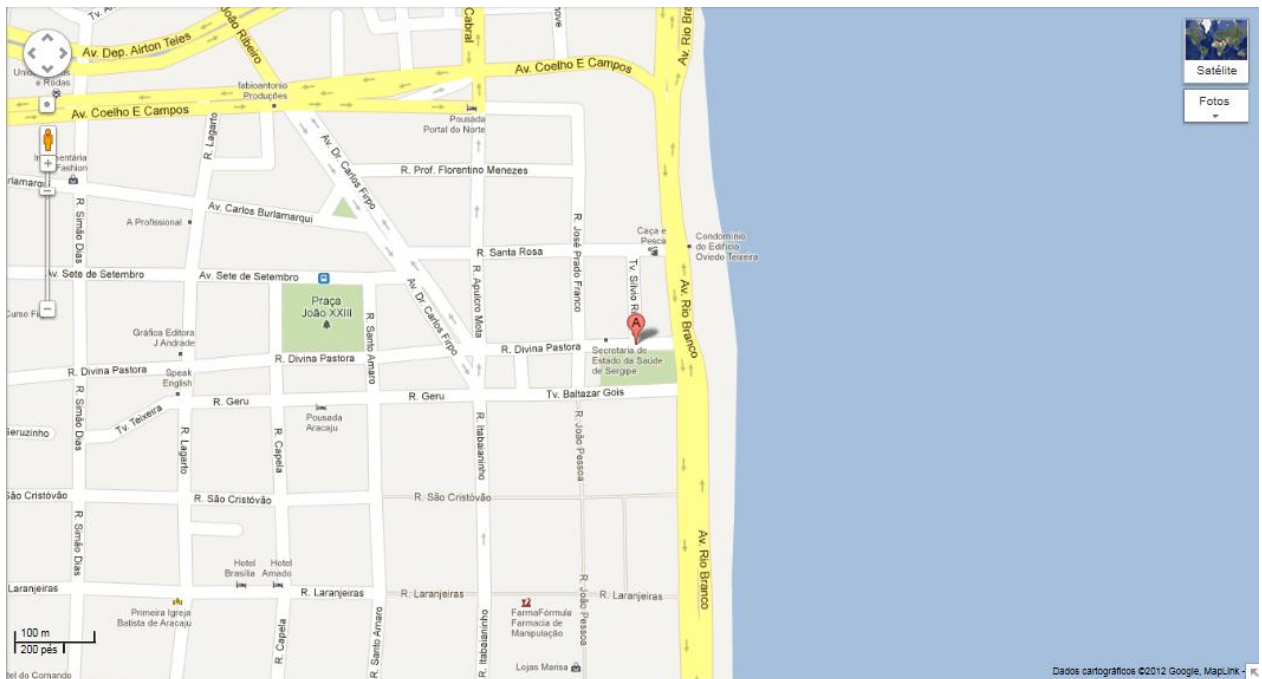


Imagem 16 - Mapa - Travessa Silva Ribeiro - Beco dos Cocos.



Imagem 17- Mapa da cidade de Aracaju – 1. Fonte: *Google Earth*.

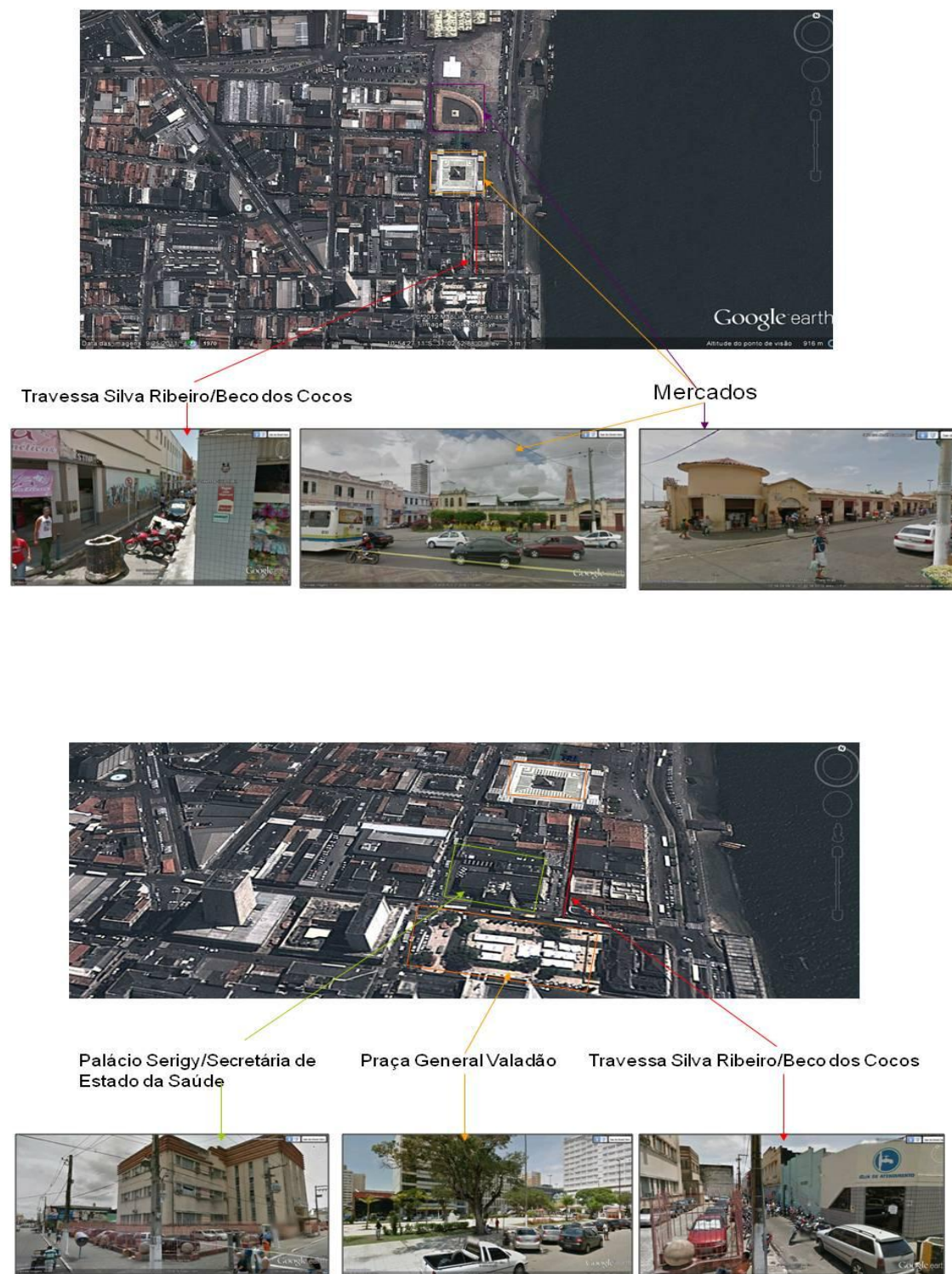


Imagem 18 - Mapa da cidade de Aracaju – 2. Fonte: *Google Earth*.



Imagem 19 - Centro Histórico. Foto: André Moreira.

Na fotografia anterior é apresentado um local aparentemente organizado, até bonito, mas a investigação mais rigorosa dos detalhes faz perceber a tentativa do Poder Público em forjar uma imagem que em nada condiz com a realidade do Beco e seus arredores.

Observem a grama sintética colocada nas bordas da rua, os vasos, os toldos, e há, também, uma limpeza que, segundo alguns comerciantes locais, é exígua. No canto direito da imagem também é possível enxergar um acúmulo de água e lixo, corroborando com o nosso argumento que atesta a falta de uma reforma efetiva nessa região.

Já a imagem seguinte mostra o Beco antes da reforma implementada pela Prefeitura Municipal de Aracaju. Aparentemente, na fotografia, parece constar apenas um beco qualquer, mas observem as bordas superiores das edificações localizadas ao longo do espaço estreito; nelas podemos perceber a riqueza histórica desse ambiente.



Imagem 20 - Beco dos Cocos da perspectiva do Mercado Municipal de Aracaju, ano 2003. Foto: Michelle de Paula.

A primeira ação que buscou reaver o uso do espaço correspondente ao Beco dos Cocos se deu no ano de 2009. Objetivando revitalizar um espaço que estivesse apto a receber os festejos da

Semana Nacional de Trânsito²², quando as paredes do Beco, sofreram uma intervenção coletiva entre os dias 21 e 25 de setembro. Durante quase uma semana, diversos artistas trabalharam em prol do “embelezamento” da região, a fim de tornar o ambiente atrativo para o público de estudantes e populares que por ali transitassem, dando a visibilidade necessária às políticas de conscientização no trânsito implementadas pela Superintendência Municipal de Transporte e Trânsito (SMTT). A partir dessa primeira intervenção, surge o projeto *Sexta no Beco*; desenvolvido por um grupo de estagiários, organizados em um coletivo denominado *Coletivo do Beco*, da Fundação de Cultura Esporte e Lazer de Aracaju (Funcaju).



Imagem 21 - Semana de Trânsito da SMTT. A Prefeitura isolou as ruas para uso único dos pedestres. Foto: André Moreira.

²² As ações de conscientização no trânsito promovidas pela SMTT são respaldadas legalmente e propõem um tema específico a ser desenvolvido anualmente no mês de setembro. Segue a legislação referente à Semana Nacional de Trânsito:

Art. 75. O CONTRAN estabelecerá, anualmente, os temas e os cronogramas das campanhas de âmbito nacional que deverão ser promovidas por todos os órgãos ou entidades do Sistema Nacional de Trânsito, em especial nos períodos referentes às férias escolares, feriados prolongados e à Semana Nacional de Trânsito.

§ 1º. Os órgãos ou entidades do Sistema Nacional de Trânsito deverão promover outras campanhas no âmbito de sua circunscrição e de acordo com as peculiaridades locais.

§ 2º. As campanhas de que trata este artigo são de caráter permanente, e os serviços de rádio e difusão sonora de sons e imagens explorados pelo poder público são obrigados a difundir-las gratuitamente, com a frequência recomendada pelos órgãos competentes do Sistema Nacional de Trânsito.

Art. 326. A Semana Nacional de Trânsito será comemorada anualmente no período compreendido entre 18 e 25 de setembro. (Disponível em: <http://www.denatran.gov.br/campanhas/semana/legislacao.htm>. Capturado em 03 de agosto de 2012).



Imagem 22 - Beco dos Cocos. O então prefeito, Edvaldo Nogueira, confere o trabalho dos artistas na revitalização do Beco dos Cocos. Foto: André Moreira.



Imagem 23 - Revitalização do Beco. Foto: André Moreira.



Imagem 24 - Beco dos Cocos. Artista plástico Alfi Gristelli entende que a intervenção artística é ideal para mostrar à população a importância do local para a história da cidade. Foto: Lízia Martins.

Na leitura visual da última sequência de fotografias, é recorrente a presença de políticos no processo de “revitalização” do Beco dos Cocos. Como citado na descrição das imagens, o então prefeito de Aracaju, Edvaldo Nogueira, acompanhou de perto o “projeto cultural” ali instalado.

O projeto construído para a possível reestruturação do Beco surgiu e foi edificado em meio à urgência de se aplicar uma política preventiva de acidentes de trânsito que atingisse o grande público de pedestres que circulava pela região central da capital sergipana, atrelado a um processo de reforma que buscava estender o policiamento para aquele lugar, por ser um setor permeado de criminalidade, construindo um calçadão iluminado e livre de automóveis.

Por estar situado em um local de alta visibilidade, somado a uma ação recorrente de prevenção de acidentes realizada anualmente no Brasil, é que se deu a participação do prefeito,

mesmo que apenas nas fotografias, nessa reforma.

Como chegamos a essa conclusão? Nessa época nenhum alvará de reforma desse espaço foi expedido, existia apenas um projeto, acordado oralmente com os comerciantes locais, para a transformação do Beco em um amplo calçadão para o uso exclusivo de pedestres.

Através das imagens enxergamos o forte apelo social aplicado nessa empreitada. A convocação de grafiteiros, artistas plásticos, músicos etc., por jovens estagiários, que pela natureza do vínculo, associamos à presença em universidades e o consequente contato com outros jovens.

Os cartazes coloridos que convidavam a população a conhecer o projeto desenvolvido após a realização da semana de trânsito buscavam mostrar à juventude a interação da prefeitura com essa faixa etária, e o interesse da mesma em construir espaços para o seu lazer e diversão. Esquecendo, mais uma vez, o interesse daqueles comerciantes e populares que utilizavam tal espaço diariamente.



Imagem 25 - Folder do evento “Sexta no Beco”.



Imagem 26 - Cartaz do projeto “Sexta no Beco”.

A presença de jovens no desenvolvimento da reforma do Beco inspirou a criação de uma série de eventos musicais e culturais para entreter essa parcela da população configurada por moradores da região e universitários, na sua grande maioria. Cabe ressaltar que não existe nenhum recibo, ata de reunião, ou documento que ateste os gastos ou a concepção desse projeto, por isso nossos dados foram obtidos através de uma observação direta, embora não profunda, naquele momento de implantação daquelas melhorias.



Imagem 27 - Lazer no Beco. Mais uma vez observamos a presença do então prefeito, rodeado por jovens. Foto: Morgana Barbosa. Lamparina Cult.

Essa nova roupagem imposta ao Beco mostrava-se respaldada pelo princípio artístico, nas mais diversas expressões, rumo à inovação, com novos projetos, seguindo tendências atuais, a exemplo do grafite, decupagem, hip-hop etc. Nesse caso, o Beco enquanto patrimônio e fomentador de memória não era a questão central para esses grupos, e sim, o Beco enquanto lugar de sociabilidade. Ou seja, não existiram mudanças arquitetônicas. O que ocorreu na verdade foi uma “maquiagem”, sem nenhuma intervenção concreta no ambiente.



Imagem 28 - Beco dos Cocos. Colorido e aparentemente limpo. Hoje essas intervenções foram praticamente apagadas, sem nenhuma manutenção parecem borrões. Foto: Silvio Rocha.



Imagem 29 - Arte no Beco. Foto: Morgana Barbosa. Lamparina Cult.

Os eventos artísticos que aconteciam no Beco eram baseados em shows musicais, saraus de poesia e apresentações teatrais ocorridas periodicamente às sextas-feiras. Tais iniciativas também estavam atreladas a uma política mais ampla que visava o desenvolvimento turístico de Aracaju, a exemplo dos projetos *Freguesia*, *Rua da Cultura* etc. Para avaliar esse empreendimento público, os Órgãos de cultura e finanças do município, junto a entidades estaduais e federais, mobilizaram-se para construir ações efetivas com a finalidade de atrair uma clientela em busca do lazer e consumo cultural. Além de aquecer o comércio aracajuano, essas ações prometiam equipar as áreas construídas e revitalizadas com uma excelente infraestrutura capaz de recepcionar complexos turísticos de grande porte.

O projeto que melhor caracteriza essa parceria entre a Prefeitura Municipal de Aracaju (PMA) e o Governo do Estado de Sergipe é o *Projeto Verão*. Incluído em uma série de programações vinculadas ao *Verão Sergipe* e tutelada pelo Governo Estadual, o evento realizado ao longo de cinco dias, principalmente na praia de Atalaia, zona sul da cidade, reúne atividades recreativas de lazer, diversas modalidades de esportes, concursos e shows de entretenimento musical, contando com a presença de artistas locais e nacionais.

O *Projeto Freguesia* vem de uma parceria entre a Fundação Municipal do Trabalho (Fundat) e a Funcaju e busca promover atividades artísticas em feiras-livres, centros de comidas típicas e artesanato. Enquanto o *Projeto Verão* é grande e concentra um público de vários lugares; o *Projeto Freguesia* é mais local, para um público específico e durante o ano inteiro. O projeto já existe há nove anos e atualmente é realizado nas praças Olímpio Campos, Tobias Barreto e feirinha do Aratipe, na Orla de Atalaia, na região sul da capital sergipana. Segundo a propaganda do evento, seu objetivo principal é valorizar a cena musical aracajuana e, ao mesmo tempo, atrair mais frequentadores para os ambientes que recepcionam o projeto; o que tende a proporcionar uma maior geração de renda para os comerciantes locais e em uma consequente visibilidade para os artistas que lá se apresentam.

Já o projeto *Rua da Cultura*, atualmente funciona como ponto de cultura do Ministério da Cultura (Minc), mas é constituído de forma similar aos empreendimentos anteriores. Criado em 2002 pela Companhia de Teatro Stultífera Navis, a iniciativa foi desenvolvida sob um slogan que buscava democratizar o acesso do povo à produção cultural sergipana, apresentando-se como uma nova opção de lazer, composto por uma série de atividades diversificadas, relacionadas ao teatro, à música, à dança, à poesia etc. Segundo os idealizadores do evento, não há cobrança de cachê por

parte dos artistas que se apresentam na *Rua* e, no período correspondente ao *Projeto Verão*, a Prefeitura financia a apresentação de alguns artistas de renome nacional, incluindo-os nas atividades de entretenimento do verão no município.



Imagem 30 - Apresentação teatral no Beco. Cia Stultífera Navis em novembro do 2009 durante apresentação no Beco dos Cocos. Nessa imagem observamos a interação dos dois projetos patrocinados pela Prefeitura Municipal: Rua da Cultura e Sexta no Beco. Foto: André Teixeira.

Desse modo, pretendeu se configurar, mesmo que de forma indireta, a revitalização do Beco dos Cocos, que, em um passado próximo, consagrou-se como refúgio boêmio da capital: endereço de famosos cabarés, uma das maiores zonas de prostituição e de tráfico de entorpecentes em Aracaju.

Um fato interessante acerca do nosso objeto é que ele, mesmo com todas as evidências históricas da sua importância, não está incluso no complexo que corresponde ao Centro Histórico de Aracaju tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual e não participou de uma reforma considerável ocorrida no seu entorno. A área que foi restaurada por meio de investimentos subsidiados pelo Banco do Nordeste (BNB) através do Programa de Desenvolvimento do Turismo

no Nordeste I (PRODETUR/NE) só atingiu o Mercado Municipal, conforme a seguinte distribuição: *restauração do Mercado Antonio Franco (5.500mm²) e Mercado Thalles Ferraz (3.600 m²).* *Reurbanização e paisagismo dos largos Misael Mendonça e Manoel M. Cardoso (2.400 m² cada)* no valor de U\$ 2.174.754,76; e a área do Centro Histórico de Sergipe: *Reforma /ampliação calçadas e rede de micro-drenagem (40.000 m²).* *Reforma balaustrada Rio Sergipe (1.150 m), iluminação pública, mobiliário urbano e arborização (33,34,35),* no valor de U\$ 2.196.640,46.



EMPRESA MUNICIPAL DE OBRAS E URBANIZAÇÃO
COORDENADORIA DE CONTROLE URBANO



BENS TOMBADOS / BENS DECLARADOS DE INTERESSE CULTURAL Art. 17 a 20 da Lei Complementar 042/00				
IMÓVEIS		ENDEREÇO	TOMBADOS	INT. CULTURAL
1	Antigo Ateneu Sergipense	Praça Camerino, s/nº		X
2	Secretaria do Estado da Educação	Av. Ivo do Prado, 398 A	X	
3	Residência	Av. Barão de Maraim, 225		X
4	Antigo Farol	Av. Mario Dantas, s/nº	X	
5	Secretaria de Segurança Pública	Praça Tobias Barreto, s/nº	X	
6	Centro de Turismo	Praça Olimpio Campos, s/nº	X	
7	Penitenciária do Estado	Rua José Rufina, s/nº		X
8	Instituto Parreiras Horta	Rua Campo do Brito, 551		X
9	Câmara dos Vereadores	Praça Olimpio Campos, 74	X	
10	Loja Fonseca e Cia	Av. Ivo do Prado, 60		X
11	Quartel da Polícia Militar	Rua Itabaiana, 336		X
12	Seminário Arquidiocesano	Av. General Calazans, 586		X
13	Escola Manoel Luiz	Av. Pedro Calazans, 1184		X
14	Loja Maçônica Cotiguba	Rua Santo Amaro, 171		X
15	Antiga Alfândega	Praça General Valadão, s/nº		X
16	Palácio Olimpio Campos	Praça Fausto Cardoso, s/nº	X	
17	Tribunal de Contas do Estado	Praça Fausto Cardoso, s/nº	X	
18	Igreja Santo Antônio	Alto da Colina Santo Antônio		X
19	Delegacia Fiscal Federal	Praça Fausto Cardoso, s/nº		X
20	Ponte do Imperador	Praça Fausto Cardoso, s/nº		X
21	Igreja de São Salvador	Rua Laranjeiras, s/nº		X
22	Forum Desembargador Vasconcelos	Praça Olimpio Campos, s/nº	X	
23	Mercado Antônio Franco e Tales Ferraz	Rua José do Prado Franco, s/nº		X
24	Vilas Operárias (B. Industrial)	Rua João Rodrigues, 26		X
25	Cultura (Antiga Faculdade de Direito)	Av. Ivo do Prado, 612		X
26	Hospital São Domingos Sávio	Rua Itabaiana, 660		X
27	Catedral Metropolitana de Aracaju	Praça Olimpio Campos, s/nº	X	
28	Associação Comercial de Sergipe	Rua José do Prado Franco, 557		X
29	Instituto de Identificação	Rua Duque de Caxias, s/nº		X
30	Solar da Família Rollemberg	Av. Ivo do Prado, 1072	X	
31	Antigo Palácio da Justiça	Praça Olimpio Campos, s/nº	X	
32	Arquidiocese de Aracaju	Praça Olimpio Campos, s/nº		X
33	Prefeitura Municipal de Aracaju	Praça Olimpio Campos, s/nº		X
34	Arquivo Público do Estado de Sergipe	Praça Fausto Cardoso, 248	X	
35	Sede do Estado da Saúde (Palácio Serapiú)	Praça General Valadão, s/nº		X
36	Instituto Histórico e Geográfico Sergipense	Rua Itabaiana, s/nº		X
37	Conj. Casas Altenses	Rua Duque de Caxias, 508		X
38	Colégio Patrocínio São José	Praça Tobias Barreto, s/nº		X
39	Antigo Mercado do Siqueira (Feira do Arribé)	Rua Carlos Correia, s/nº		X
40	Estação Ferroviária e Oficinas	Praça dos Expedicionários, s/nº		X
41	Cinema Rio Branco	Rua João Pessoa, 182	X	
42	Cinema Palace	Rua João Pessoa, s/nº		X
43	Res. do Sr. Pedro Amaro	Rua Itabaiana, 986		X
44	Cemitério dos Naufrancos	Monjiquê	X	
45	Vaticano	Av. Ottonel Dória, 534		X
46	Vila Carmem	Av. Ivo do Prado, 646		X
47	Antiga Residência da Família Fonseca	Rua Itabaiana, 724		X
48	Jardim de Infância A. Maynard	Rua Dom José Thomas, 106		X
49	Residências da Rua Estância	Rua Estância, 39 e 87		X
50	Supermercado G. Barbosa	Rua José do Prado Franco, 148		X
51	Casas de Veraneio da Atalaia Velha	Av. Beira Mar, 2240/2425 Praça Carvalho Neto, 33, 57 e 83		X
52	Residências da Fase Modernista	Rua Vila Cristina, 194/222/254/288 Rua Senador Rollemberg, 217/225 Av. Barão de Maraim, 306 Av. Ivo do Prado, 282/296/942		X
53	Hospital Cirurgias	Av. Desembargador Maynard, s/nº		X

Além da documentação específica para cada tipo de uso ou de serviço, apresentar:

- Anuência da Secretaria de Estado da Cultura;
- Fotografias atuais do imóvel e seu entorno.

Prazo para análise prévia e envio ao CONDURB: 30 Dias Úteis

Prazo para o parecer final: 10 dias úteis

Av. Augusto Franco, 3340 - Bairro Ponto Novo - CNPJ. 13.118.245/0001-60 - Tel. (79) 3179-1600/ Fax 3179-1608.
CEP 49.047-040 Aracaju - Sergipe

Imagem 31 – Lista de patrimônios tombados. No documento da Empresa Municipal de Obras e Urbanização, onde estão listados os bens tombados pelo Patrimônio Estadual, no caso os localizados em Aracaju, são visíveis à ausência dos prédios e de todo o Beco.

Realizado em 1998, o programa de revitalização dos Mercados Municipais e de seu perímetro urbano *partia de dois pressupostos básicos: a qualidade arquitetônica das edificações, bem como a importância socioeconômica dos mercados para a cidade como um todo*. A reforma deveria ser capaz de sanar não apenas a situação calamitosa na qual se encontrava o espaço comercial, mas também viabilizar o desenvolvimento de um significativo potencial turístico (LIMA, 2009, p. 8).

Tais reformas apresentaram e geraram melhorias no espaço, o que atraiu uma clientela de maior poder aquisitivo para a região, fato que fomentou a consolidação do centro de Aracaju como a maior zona de comércio estadual. Aqui é pertinente lembrar, que o objeto do debate não é questionar a ação desses projetos, mas suscitar questionamentos sobre a não inclusão do Beco – uma das principais rotas de acesso aos Mercados – nesse processo de revitalização. As melhorias na estrutura, na higiene, dentre outros, permitiram que os Mercados Centrais se formalizassem também como ponto de atração turística da capital sergipana.

A transformação da paisagem dessa área não se limitava à resolução de problemas pontuais ligados à parca infraestrutura do lugar, pois as deficiências lá encontradas não estavam reduzidas a estrutura precária do centro da capital, pretendia também eliminar a prostituição, o tráfico de entorpecentes e diminuir a presença de ambulantes na região.

Observamos que a escolha do Beco para o implemento de algumas ações culturais não esteve atrelada a esses projetos, pois só aconteceu onze anos depois da primeira grande reforma do Centro Histórico de Aracaju. Pode-se dizer, também, que os fomentadores dessas ações não objetivaram harmonizar o complexo histórico do centro de Aracaju. Portanto, é importante compreender a real motivação para a reforma desse ambiente.

Mesmo constituindo-se como uma contradição, pois essa área durante muito tempo foi esquecida pelo Poder Público, a localização central do Beco tenha o tornado atraente. A sua história e as relações humanas que lá se desenvolveram e hoje continuam a se verificar fazem com que direcionemos uma maior atenção a um produto que está nas margens. Indagações desta natureza se misturam ao imaginário popular e não são suficientes para nos fazer compreender os problemas comportados na estrutura do nosso objeto, mas pensar na pequena mudança ocorrida no Beco dos Cocos, através do viés da cultura e da conscientização, por meio de ações públicas, leva-nos a acreditar em hipóteses como essas.

Talvez os processos ocorridos nos espaços anteriormente pesquisados tenham afetado,

mesmo que despropositadamente, os problemas que impulsionaram nossa pesquisa. As mudanças na configuração social e econômica do centro da cidade, onde o Beco está situado, foram acompanhadas por uma diminuição significativa dos investimentos públicos e privados.

Mas, outros problemas sociais também preocupavam os mentores desse processo: a presença de mendigos, prostitutas, viciados em drogas etc. naquele ambiente, principalmente à noite.

3.2 – O Beco enquanto caso de polícia

O Beco dos Cocos, que antes fora um ponto de escoamento da produção de cocos do município e onde se localizavam muitos dos mais afamados prostíbulos de Aracaju, inclusive pelo grau de sofisticação e luxo, hoje não passa de um ponto de comércio em franca decadência. De acordo com os poucos comerciantes que ainda atuam na área, esse local foi excluído das ações públicas, deixando de ser uma preocupação das autoridades locais.

Em uma das visitas feitas ao local, em abril de 2013, foi feito um mapeamento e entrevistas com os comerciantes que trabalham e têm seus estabelecimentos no Beco, transeuntes, policial, que passaram pela rua estreita ao longo das cinco horas de pesquisa *in loco*, além de entrevistas com alguns lojistas que têm os seus estabelecimentos localizados no entorno do Beco, a exemplo de comerciantes do Mercado Municipal Thales Ferraz.

Ao longo da extensão do Beco, foram localizados 16 (dezesesseis) acessos para estabelecimentos, dentre os quais somente seis estão funcionando como estabelecimentos comerciais, e os outros estão fechados e/ou depredados. Nas extremidades da viela, havia o acúmulo de lixo na parede lateral direita da Secretaria de Estado da Saúde. Além do acúmulo de lixo, havia também um grupo de pessoas, cinco homens e uma mulher, que aparentavam estar fumando *crack*. Com a nossa aproximação, e visualizando câmera fotográfica e gravador, alguns deles se dispersaram e seguiram em direção à Praça General Valadão.

Durante esta visita ao Beco, após algumas horas, apareceram dois policiais que faziam a ronda a pé no local. Antes deles, um policial civil à paisana que foi contratado por um dos lojistas para fazer a segurança de seu estabelecimento passou por ali. De acordo com o comerciante Carlos Wagner, contratante do policial, não há outra forma de garantir a segurança a não ser pagando

serviços terceirizados, pois vários estabelecimentos já foram depredados e invadidos. O comerciante ainda afirmou que “à noite, é arriscado, tudo de ruim que você pensar tem aqui à noite. Já vimos crimes de todos os tipos, até assassinatos por aqui”.

Sobre a questão da segurança no Beco, os doze entrevistados relataram que esse é o principal ponto negativo do local.

[...] Hoje, a visão que temos é a que assusta todos, virou ponto de tráfico. Se você chegar aqui às 06h, não consegue passar, e se passar, sai pelado, porque até a sua roupa levam, e deve ser revitalizado, é a nossa perspectiva, dos comerciantes, há anos que esperamos por isso (José Ritos, comerciante que trabalha em uma das bancas de artesanato do mercado Thales Ferraz).

Para o senhor Gilberto, funcionário idoso que trabalha em um dos pontos comerciais do Beco, a falta de segurança no local atrapalha as vendas e o crescimento de todo o comércio local, “porque a marginalização do Beco é o que mais atrapalha. [Ela] afasta os clientes, o pessoal não mexe durante o dia, mas tem muita gente que tem receio de passar por aqui”.

O casal de transeuntes Antônio e Maria Nunes reflete o que o funcionário citou na entrevista, ao afirmar que o Beco é somente uma via de passagem, que eles procuram não parar para olhar o que as lojas oferecem até porque o visual não os agrada.

[...] Não conheço muito, a gente não passa muito por aqui, hoje foi um acaso. Esse é um lugar que a gente só utiliza para passar mesmo, para cortar caminho. Pelo dia eu não tenho medo de andar aqui, mas no final de tarde, se eu tiver que passar, prefiro ir por outro caminho, é perigoso. (Maria Nunes, transeunte que passou pelo Beco no momento da pesquisa *in loco*)

Além dos transeuntes, outros comerciantes também reclamaram da falta de segurança no local, a exemplo de Cláudio Mota, que também expressou seu sentimento de revolta ao contar cenas de crimes que os comerciantes já presenciaram no Beco ao longo dos anos em que seu estabelecimento foi aberto.

[...] Aqui agora virou ponto de tráfico de drogas. Agora aqui virou o Beco da cracolândia, e isso é diariamente. Muitas lojas fecharam porque não tem condições de pagar o aluguel e sem ter cliente. As pessoas tem receio de passar por aqui, muitos já foram assaltados (Cláudio Mota, comerciante que atua há dois anos no Beco).

Com todos esses pontos em comum entre os comerciantes, ao longo das entrevistas, transitou pelo local, o policial militar (PM), Cabo Joanes, que faz a ronda policial pelas ruas do centro da cidade ao longo do dia. O PM alegou que as condições de trabalho e a falta de preocupação das autoridades com o local transformaram o Beco no que ele é hoje. Segundo o policial, o ambiente foi desprezado pelas autoridades locais e não há como fazer policiamento ostensivo sem as condições devidas de trabalho e que proporcionem a segurança do local, a exemplo da iluminação no turno da noite. Além disso, o mesmo policial alega que o Beco é um lugar propício a assaltos e crimes por causa da sua configuração e extensão. Como o Beco é uma ruela estreita e sem escoamento para os lados,

[...] As pessoas acabam ficando encurraladas aqui e fica mais fácil para os criminosos assaltarem. Isso facilita o crime, a falta de iluminação e o fato de ser uma rua sem escoamento para os lados, contribui para a incidência de crimes, infelizmente (Cabo Joanes, policial militar que faz a ronda nas ruas do centro de Aracaju).

A imagem do Beco que nos foi passada pelos entrevistados é transmitida nesse texto como o relato de um jornal policial. Muitas vezes de forma monótona e enfadonha, como as manchetes sensacionalistas que estamos acostumados a ler na nossa rotina.

Infelizmente, a situação precária na qual se encontra o nosso objeto de pesquisa, não nos permite demonstrar uma visão menos imparcial e mais dinâmica dos fatos por nós percebidos durante as visitas nesse ambiente.

Mas, outro ponto de convergência, além da latente criminalidade presente no Beco, é o desejo dos entrevistados em transformá-lo. Todos, sem nenhuma exceção, expressaram com veemência a necessidade da restauração do local e a concomitante instalação de projetos com características sociais em prol dos frequentadores daquela região, especialmente para os usuários de *crack* e outras drogas.

Nessa série de entrevistas, a todo o momento ficava evidente o potencial de opinião das pessoas, por isso, a ideia de manter os nomes e trechos das respostas anteriormente citadas. O Beco que é ignorado pelo Poder Público, e que a olho nu parece apenas uma rota de passagem, é sim observado e vigiado pelos indivíduos que estão a sua volta.

É interessante chegar a um lugar acreditando que só iríamos encontrar, violência, sujeira e degradação, e ver cidadãos expressando seus anseios e convicções. Uma das perguntas que mais nos marcou, foi quando questionamos os entrevistados sobre a relação que eles tinham com a ruela, se eles se reconheciam enquanto parte da história daquele lugar. Para nosso espanto, pois imaginávamos um repúdio à antiga zona de prostituição, todos destacaram a importância histórica do Beco, e como ele era importante em suas vidas.

Por último, indagamos acerca das reformas ocorridas naquele espaço no ano de 2009, as respostas foram praticamente unânimes: não houve uma consulta por parte da Prefeitura Municipal de Aracaju sobre as necessidades dos comerciantes da área. Na verdade, eles não entenderam bem a proposta de intervenção lá implementada, pois, na concepção dos entrevistados, uma reconstrução que privilegiasse a restauração do Beco dos Cocos, preservando e destacando a sua história, seria a melhor opção.

3.3 – Uma perspectiva humanizada do Beco dos Cocos

Visitas frequentes ao Beco dos Cocos nos permitiram verificar o aparato de informações descrito na maior parte do texto: um local permeado de criminalidade, mendicância, prostituição, sujeira, que, nem de longe, lembra o seu período áureo (meados da década de 1940). Tal cenário nos foi revelado de imediato, pois está à vista até do espectador menos atento. Todavia, em meio a essa imagem devastadora, vislumbramos - mesmo que por um prisma subjetivo - um passo além do entulho, um sentimento genuíno compartilhado por todas as células que compõem aquele lugar, consistente no desejo de resistir aos graves problemas ali presentes, para também transformá-los em algo de útil à cidade e a todos que a integram.

Bem por isso, transmitiremos, adiante, a partir de um viés diferente do até aqui exposto, as nossas impressões personalizadas observadas em campo, na difícil tentativa de transportar o leitor pelo caminho que percorremos na investigação do nosso objeto de estudo, já que um escritor, acadêmico ou popular, no exercício do seu ofício, deve procurar atingir, de forma mais completa e pormenorizada possível, o entendimento do seu interlocutor.

Assim é que as nossas primeiras incursões no Beco dos Cocos aconteceram de forma

despretensiosa, no ano de 2009, dado o movimento *Sexta no Beco*, lá ocorrido. As nossas participações eram interativas, sem conotação acadêmica; para sermos mais claros, consumíamos o produto apresentado no Beco, ou seja, a música, a arte e o teatro.

Durante alguns meses, frequentamos, juntamente com outros jovens, também universitários, os eventos promovidos no Beco, à procura de um lazer diferenciado, no contexto de uma cidade que, por muitas vezes, mostra-se conservadora nas suas opções culturais.

Na travessa, encontramos pessoas conhecidas, interagindo em torno de um ambiente marginalizado, que havia passado por uma transformação que buscou agregar modernidade àquele lugar, com o intuito de atrair o "universo alternativo", do qual, de alguma forma, participávamos.

Mas aquela configuração do Beco apresentou-se efêmera, uma vez que o *Sexta no Beco* não perdurou por tempo suficiente para consolidar-se como zona de entretenimento da capital sergipana.

O fim dos investimentos públicos nesse desorganizado "movimento" – se é que assim podemos denominar o coletivo que idealizou esses eventos, o *Coletivo do Beco* – propiciou o retorno de atores que haviam se distanciado, como prostitutas, mendigos e viciados. Apesar disso, essas primeiras investidas na viela despertaram a nossa atenção para a história daquela região.

Questões, então, emergiram: quais seriam os verdadeiros motivos para o fracasso dessa empreitada? Por que não revitalizaram a arquitetura do Beco, restaurando a sua memória? Por que não foi realizado um projeto inclusivo para abrigar as personagens marginalizadas que circulavam nas bordas do Beco?

Eis que surgiram as indagações motivadoras da pesquisa, seguidas de inúmeras diligências nos Órgãos patrocinadores das intervenções no centro de Aracaju, cujas respostas, porém, não lograram atender às nossas demandas, de modo que a incompletude de informações por parte das entidades responsáveis representou um obstáculo ao desenvolvimento da dissertação.

Tal barreira, entretanto, não impediu a continuidade da pesquisa, que passou a ser vista e realizada a partir de outros enfoques, amparados no levantamento da historiografia sergipana referente ao tema compulsado e, sobretudo, nas percepções colhidas no trabalho *in loco*. E foi exatamente percorrendo o Beco dos Cocos que pudemos constatar, por de trás de todas as mazelas existentes naquela estreita rua, um lugar com vida, repleto de cultura, histórias e mistérios para se desvendar.

Assim, pudemos conhecer os meandros da rotina daquele lugar, seja nas vozes dos

"nativos", comerciantes, usuários de drogas, policiais e transeuntes, seja na nossa percepção enquanto estudiosos da viela.

Dentre as experiências vivenciadas, encontramos uma personagem que nos permitiu uma compreensão generalizada do sentimento, ali pulsante, de insatisfação com o atual estado do Beco, mas, acima de tudo, de um anseio torrente pelo resgate da sua memória: conhecemo-la pela alcunha de “Régi”.

Nosso primeiro contato com essa intrigante personagem aconteceu em uma tarde comum de quarta-feira, em Aracaju. O Senhor Reginaldo nos foi apresentado por vários comerciantes entrevistados no Beco e em seu entorno, que o apontaram como o maior conhecedor da história da travessa. Para encontrá-lo, dirigimo-nos ao estabelecimento de sua propriedade, denominado “Cantinho da Música”.

Situado na Rua Santa Rosa, na divisa com o Beco dos Cocos, o “Cantinho da Música” já se diferenciava, desde a sua fachada, das edificações circunvizinhas, por conter um lance de calçada semelhante a porcelanato, distinto das demais, que eram padronizadas e destruídas pela ação do tempo e falta de manutenção.

O comércio aparentava ser apenas um restaurante, frequentado por pessoas comuns e trabalhadores da região. Ao adentrarmos, vimos um *self-service* de comidas regionais e atendentes, todas mulheres, devidamente fardadas com uniforme padrão. Sem nos identificar, abordamos, então, uma das funcionárias, perguntando-lhe acerca da possibilidade de sermos recebidos pelo proprietário. Espantada, ela nos indagou, sob olhar desconfiado, o motivo do interesse. Notando a reação da moça, expusemos a intenção da nossa visita e, ato contínuo, a interlocutora nos direcionou a uma escada próxima à entrada do estabelecimento, que dava para o segundo piso, onde poderíamos tratar com o Senhor Reginaldo.

A escada era escura e estreita e ostentava objetos místicos, como algumas carrancas, dentre os que reconhecemos. Além disso, à medida que subíamos os degraus, sentimos, primeiramente, um cheiro forte de incenso almiscarado exalando do andar superior e, na sequência, começamos a ouvir uma música de ritmo brega – como conhecido no Nordeste brasileiro – em altos decibéis.

Findo o percurso, pusemo-nos diante do verdadeiro “Cantinho da Música”: muito mais do que um mero restaurante comum a tantos outros que podem ser avistados no centro de Aracaju, vimos, ali, para nossa surpresa, uma boate de *strip-tease*. Dotado de um palco rodeado de mesas e cadeiras, o bordel possuía, em uma de suas laterais, uma pequena dispensa e um lavabo; nas

paredes, televisores afixados, em que eram exibidos ininterruptamente programação de conteúdo pornográfico; havia, ainda, duas janelas de onde era possível enxergar os Mercados Centrais; por último, em outra lateral, existia uma cozinha, estando à sua frente um balcão de bebidas variadas.

Passando, aproximadamente, do meio-dia, a casa de meretrício estava em pleno funcionamento, com uma quantidade considerável de clientes homens, que tinham uma faixa etária por volta de 20 (vinte) a 50 (cinquenta) anos e aparentavam simplicidade nos trejeitos e vestimentas, os quais eram servidos por mulheres de idade aproximada entre 18 (dezoito) e 35 (trinta e cinco) anos, trajadas por roupas curtas e embelezadas com maquiagem carregada. Nesse contexto e despertando a atenção dos presentes, fomos em direção ao Senhor atrás do balcão, à procura do dono, Reginaldo, que se identificou como tal, tendo, imediatamente, gesticulado, determinando a contenção do barulho e dos olhares masculinos invasivos e intimidadores, no que foi, de pronto, atendido.

Parecendo ter 60 (sessenta) anos de idade, a contar pelos cabelos e bigode grisalhos, Reginaldo possui altura mediana e certa corpulência e vestia, na oportunidade, traje todo branco, colar de ouro e levava um galho de arruda na orelha.

Revelado o propósito da nossa visita, “Régi”, como costuma ser chamado, concordou em conversar conosco sobre a sua perspectiva a respeito do Beco dos Cocos. Assim, sentamos defronte ao balcão e demos princípio ao diálogo.

O nosso entrevistado iniciou falando da origem do Beco, como depósito de cocos e de dendê, até se tornar, no ápice de sua história, uma importante zona boêmia da capital sergipana, formada por inúmeros destinos de entretenimento, entre os quais muitos cabarés, que foram sendo extintos com o passar do tempo, o que aconteceu, inclusive, com a casa noturna da qual era dona a família de Reginaldo. Nesse estágio da entrevista, o interlocutor aventurou-se em explicar as razões da ruína do Beco: “hoje o Beco é o que é porque o Poder Público deixou de mão. Não tem iluminação, está entregue às baratas. De vez em quando a polícia passa e faz uma revista, mas não é suficiente para acabar com o tráfico”.

Para “Régi”, a omissão do Poder Público repercute diretamente na marginalização do Beco, de modo que, sem a presença do Estado, “o pessoal usa o beco para fazer as necessidades, urina e tudo mais. [...] A partir das 18h, é a “cracolândia”. [...] Se o poder público tomasse a iniciativa de limpar... Porque pelo dia todo mundo vai, mas à noite é complicado, faz medo mesmo”.

Entre umas e outras impressões sobre o Beco, Reginaldo nos contava também sobre suas

experiências de vida paralelamente à sua vontade de recuperar o negócio da família, uma boate que, antigamente, funcionava dentro da viela. Disse-nos que, com o declínio da região e, conseqüentemente, do estabelecimento, rumou em busca de novas fontes de renda. Daí que foi residir na Venezuela, onde trabalhou em uma petrolífera, como cozinheiro. Sublinhou que prosperou no cargo, tornando-se *Chef*, o que lhe possibilitou concretizar o desejo de morar nos Estados Unidos.

Na América, aprendeu, mesmo sem qualquer auxílio, a língua inglesa, do que se orgulha intensamente. Vivendo na comunidade latina, criou laços de amizade e, exercendo ainda a culinária, conseguiu juntar uma soma significativa, que lhe permitiu expandir seu aparato cultural, o que acabou por levá-lo ao continente asiático, em Cingapura.

Narrou que, lá, incorporou hábitos locais, os quais se revelaram úteis à administração do negócio que pretendia retomar em Aracaju. A saudade da terra natal abreviou o seu retorno, quando, efetivamente, ele passou a gerenciar o “Cantinho da Música”, agora localizado na rua Santa Rosa, não mais no Beco dos Cocos.

Apesar de o entrevistado transparecer que a mudança do endereço original do bar ter sido necessária, em função dos problemas do Beco, já relatados, ele nos deu a entender que a manutenção do negócio tão próximo à travessa, antiga localização, conservava seu sonho de ver, algum dia, de novo, o bordel funcionando plenamente na viela, ou, pelo menos, vê-la viva, restaurada e integrada, como antes, quando era um destino boêmio consagrado na cidade.

Nossa personagem tentou nos mostrar que o centro de Aracaju é capaz de organizar uma zona de entretenimento apta a receber os mais variados tipos de pessoas e proporcionar-lhes satisfação e segurança, como fez questão de salientar, ao exhibir os documentos (alvarás, licenças, controle sanitário, permissão do Corpo de Bombeiros etc.) afixados nas paredes da boate, comprobatórios da observância às normas legais de funcionamento:

O meu estabelecimento é legalizado, temos alvará, licença do bombeiro, porque, para não fechar a casa, a gente precisou fazer isso. Aqui, de vez em quando, à noite, vem a Delegada da Mulher, policiais, para fiscalizar o ambiente. E, pra mim, isso é bom, porque é também uma forma de segurança e dos clientes verem que, aqui, é um ambiente organizado.

Cabe ressaltar, a tal respeito, que, à época da entrevista, era recente o incêndio em uma casa de *shows*, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que resultou na morte de mais de duas centenas de pessoas, em sua maioria, jovens universitários, em uma das maiores tragédias do Brasil. Após

o acontecimento, as esferas de governo passaram a exigir, com maior rigor, a adequação de boates e estabelecimentos congêneres à legislação de regência, vindo a fechar, em todo o país, inúmeras casas noturnas, dentre elas as mais elitizadas do Estado de Sergipe²³. Para nossa surpresa, o negócio de Reginaldo permaneceu aberto, pois seguia todas as orientações requisitadas pelos Órgãos responsáveis.

“Régi” nos fez perceber que o Beco não é só desorganização e entulho. Lá, há também uma rica história, escondida no patrimônio deteriorado ali existente, e pessoas que se enxergam como partes dessa memória. E isso não pode ser desprezado pela cidade, porque um espaço urbano como aquele, por mais diminuto que seja, guarda uma trajetória cultural que, de uma forma ou de outra, reflete a própria comunidade, de modo que dar as costas a esse objeto é o mesmo que renegar a si próprio, privando as gerações futuras de conhecer e valorizar a sua origem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São diversas as formas que nos levam a conhecer e a compreender uma cidade. Aqui, optamos pelo viés apresentado pelo beco, mais especificamente do Beco dos Cocos. Através da

²³ A título de exemplo, notícia veiculada no *site* do Corpo de Bombeiros de Sergipe, em 01 de fevereiro de 2013, dá conta do lacre de boates na capital sergipana: “Corpo de Bombeiros interdita seis casas de shows em Aracaju”. Disponível em: <http://www.cbm.se.gov.br/modules/news/article.php?storyid=511#.UdJNNDvVDpU>. Acesso em 20 de maio de 2013.

leitura dessa pequena ruela à luz do processo histórico de Aracaju, buscamos desvendar alguns traços da complexidade da cidade presente nesse espaço.

Inicialmente, esse estudo pretendia refletir acerca de uma série de eventos, voltado para o público jovem, que ocorreram no Beco dos Cocos durante algumas sextas-feiras, no ano de 2009.

Com o fim do projeto, “sexta no beco”, e a escassez de documentos que, ao menos, atestassem a existência e a forma como esses festivais eram organizados, o Beco deixou de ser o palco da pesquisa, para se tornar o nosso objeto.

Para nós, era interessante pensar, como em uma cidade, que sempre enfatizou os traços de sua modernidade, tanto nos discursos, quanto na exploração de imagens que remetem ao modelo de primeira capital projetada do país, poderia existir um beco que representava o contrário, o obsoleto, o antiquado.

É sobre a desordem do traçado proposto por Pirro que nossas hipóteses foram construídas, como a necessidade de atenção sobre os espaços marginalizados de Aracaju, que tem no Beco dos Cocos o seu epicentro.

Chegamos a essas conclusões a partir das visitas e entrevistas realizadas no Beco. Durante as nossas incursões observamos a presença constante de usuários de drogas, prostitutas etc., com certa conivência do Poder Público, algumas vezes, representado pela Polícia Militar do Estado de Sergipe.

Ao questionarmos esses policiais, a resposta que obtivemos para a aceitação de sujeitos com características marginais naquele ambiente, estava relacionada à falta de efetivo suficiente para a realização de um policiamento ostensivo por toda a região central da cidade. Portanto, mantê-los no Beco, seria uma medida de vigilância eficaz.

Contudo, o ponto que mais nos intrigava na rememoração da história do Beco, girava em torno do momento em que esse lugar passou a ser marginalizado, abandonando a imagem boêmia, que coletamos na fala de alguns memorialistas sergipanos, para se tornar um verdadeiro problema.

Concluímos que a existência de um beco repleto de prostíbulos não coadunava com ideia de modernidade que Aracaju buscava desde a sua inauguração, e a melhor alternativa para a edificação de uma cidade futurista, seria apagar as marcas da história que a relacionassem a um passado de degradação e promiscuidade.

Tanto quê, seguindo o exemplo de outras cidades, o Beco teve o sua nomenclatura alterada para travessa, mesmo em Aracaju, onde o mesmo Beco dos Cocos, em meados dos anos 1940,

passou a ser chamado de Travessa Silva Ribeiro, em homenagem a um rico comerciante da época, patrocinador da Academia Sergipana de Letras, ASL. Claro que esse esforço não foi suficiente para apagar da memória dos habitantes da cidade o passado relevante do local, nem a convivência com o novo nome, já que ele continua conhecido e aludido popularmente pela antiga referência.

Não observamos com exatidão o momento em que Beco entra em declínio total, acreditamos que esse processo esteve atrelado ao sucateamento do Centro Histórico, o qual o segmentou em dois polos, um sul, com o comércio voltado para artefatos de luxo, e o norte, onde o Beco está localizado, voltado para o comércio informal, com a presença de vendedores ambulantes e prostitutas.

Diante da situação calamitosa que foi deixado o Centro Histórico, na Gestão do então Prefeito João Augusto Gama, entre os anos de 1997 e 2000, o centro comercial de Aracaju é revitalizado.

Mas, como observamos no terceiro capítulo, o Beco dos Cocos não foi agraciado com essa reforma, o local continuou a servir como um sanitário a céu aberto, para evoluir até hoje, ano de 2013, como uma das maiores zonas de tráfico de entorpecentes da capital, segundo a Secretaria de Segurança Pública do Estado de Sergipe.

A última intervenção ocorrida no Beco aconteceu no ano de 2009, e como o leitor pode perceber, em nossa opinião, se constituiu apenas uma maquiagem, já que não buscou cuidar dos problemas estruturais do complexo.

Ou seja, não houve nenhuma intervenção patrimonial que buscasse restaurar os edifícios históricos presentes no Beco. As paredes foram grafitadas de forma aleatória, sem nenhum esquema prévio, como exposto nas fotografias anteriores.

E para nós, o maior agravante desse emaranhado de erros, não houve uma conscientização das pessoas que trabalhavam e frequentavam o local, ou que tivessem algum vínculo com o lugar.

O Poder Público, mais uma vez, desembarcou em uma zona marginal, mas com ampla visibilidade, acreditou estar lidando com pessoas sem opinião, fato que contradiz ao material que coletamos nas visitas.

Acreditamos, que os comerciantes do Beco e seu entorno, têm sim opinião e capacidade suficiente para refletir acerca dos problemas ali existentes, tanto como sobre a história do Beco dos Cocos que se encontra entrelaçada à deles.

Todos questionaram as intervenções ocorridas na ruela, e levantaram indagações acerca da não revitalização da história daquele espaço. As ações ocorridas em 2009, não minimizaram a aparência e cheiro e ruim do lugar, já que elas ocorriam à noite e não contribuíam em nada para melhorar o problema da segurança, presente em todo Centro Histórico.

Esse trabalho buscou na sua essência, não encontrar conclusões engessadas sobre a história do Beco dos Cocos, concomitante à edificação da suposta primeira capital planejada do Brasil, mas sim apontar alguns passos que nos levem a compreender os processos de interação social, históricos etc., ocorridos em uma cidade a partir de suas zonas estigmatizadas.

O que aqui fizemos, foi implementar algumas discussões sobre as possíveis mudanças ocorridas no imaginário urbano, incluindo todos os elementos que o compõem. Ou seja, buscamos resgatar o sentido que a interação com o beco tem para cada indivíduo que o consome de alguma forma; um transeunte usando-o como rota de passagem, um comerciante, adquirindo o seu sustento diário. Para nós, o beco foi capaz de elucidar alguns desses questionamentos, fazendo-nos compreender, a personificação real das transformações e usos do nosso objeto, assim como, essas mudanças influenciam a organização da cidade.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

AMADO, Jorge. *Tereza Batista Cansada de Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAPTISTA, Luís Vicente e NUNES, João Pedro S. *A rua, lugar físico construído*. In: CORDEIRO, Graça Índias e VIDAL, Frédéric (orgs.). *A Rua - espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

BARRETO, Luiz Antônio. *O cotidiano do lazer nos bares, cinemas e cabarés*. Aracaju: Infonet, 2005. Capturado em 24 de agosto de 2010.

<http://iaracaju.infonet.com.br/serigysite/ler.asp?id=7&titulo=Aracaju150anos>.

BECKER, Howard. CONFERÊNCIA *A escola de Chicago*. MANA 2(2):177-188, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*. Tradução por Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa, com assistência de Pierre Paul Michel Ardengo. São Paulo: editora brasiliense, 2011.

_____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Tradução por Hemerson Alves Baptista e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: editora brasiliense, 2011.

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Tradução por Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou ofício do historiador*. Tradução por André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRITTO, Clóvis Carvalho. *Das cantigas do beco: cidade e sociedade na poesia de Cora Coralina* – Sociedade e cultura, V. 10, N. 1, JAN./JUN., P. 115-129, 2007.

BURGUIÈRE, André. *A antropologia histórica*. In: LE GOFF, J. (Org.). *A História Nova*. Tradução por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p.125-153.

CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju*. 3. Ed. – Aracaju: Banese, 2002.

CAMPOS, Antônio Carlos. *O ESTADO E O URBANO: os programas de construção de conjuntos habitacionais em Aracaju*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe/Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. – Vol. 34, n. 1 (2005) –. – Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2005.

CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. Tradução por Cecília Prada. São Paulo, Studio Nobel, 1993.

CARVALHO, Nuno Vieira de. *Cultura urbana e globalização*. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/carvalho-nuno-cultura-urbana-globalizacao.pdf>. Acesso em 27 de janeiro de 2010.

CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de, ROTMAN, Mônica. *Patrimônio e Cultura: processos de politização, mercantilização e construção de identidades*. In: FILHO, Manuel Ferreira Lima, ECKERT, Cornelia, BELTRÃO, Jane Felipe. (orgs) *Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Brasil: Nova Letra, 2007. 368 p.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução por Klauss Brandini Gerhardt. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 530 p.

_____. *A Sociedade em rede*. Tradução por Roneide Venâncio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo, Paz e terra, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer*. Tradução por Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução por Maria Manuela Galhardo Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1988. 239 p.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 20. ed. São Paulo: Global, 2001a.

CORDEIRO, Graça Índias. *Um lugar na cidade: cotidiano, memória e representação no Bairro da Bica*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

CORDEIRO, Graça Índias e VIDAL, Frédéric (orgs.). *A Rua - espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

DaMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: EDUSC, 2002. 221 p.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Tradução por Sônia Pereira da Silva. Lisboa: Edições 70, 1991.

DURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: Cardoso, Ruth (org.) *Aventura antropológica - Teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ESCOREL, Sarah. *Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro*. In: BURSZTYN, Marcel et al. (Org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

FHEAHERSTONE, Mike. *A nova classe média*. In: *Cultura de Consumo e Pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FORTUNA, Carlos. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 33, p. 127-141, fev. 1997.

_____. (org.). *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta, 1997.

FORTUNA, Carlos e LEITE, Rogério P. (orgs.). *Plural de Cidade: novos léxicos urbanos*.

Coimbra: Almedina, 2009.

FREIRE, Augusto Henrique Monteiro. *Urbanização de Aracaju desde sua fundação ate 1995*. 1999. 36 f. Monografia (Especialização em Análise Econômica) - Núcleo de Pós-Graduação em Economia, Departamento de Economia, Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe. Documento sergipano.

FRÚGOLI JR., 2005 - *O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia* - REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2005, V. 48 Nº 1.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*. Tradução por Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes – O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução por Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução por Tomás Tadeu da Silva. 10a ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

HALLEY, Bruno Maia. *Arruando pelo Beco: um nome do passado evocado no afeto e no desamor da gente da cidade* - Revista de Geografia - PPGeo - v. 2, nº 1 (2012).

HOBSBAWM, Eric, RANGER, T (Orgs). *A Invenção das tradições*. Tradução por Celina Cardim Cavalcante. Paz e Terra, 2002.

HOLSTON, James. *A cidade modernista*. Tradução por Marcelo Coelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LEÃO, Eudorica Luciana Almeida; SANTOS, Waldefrankly Rolim de Almeida. Prostituição, cidade e imprensa: um ensaio sobre Aracaju na Era Vargas (1937-1945) *Cordis*. História, Corpo e Saúde, n. 7, jul./dez. pp. 311-336, 2011.

LEITE, R. Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. 2. ed. Campinas: unicamp; Aracaju: editora UFS, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Tradução por Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

LOPES, Antônio Herculano; VELLOSO, Mônica Pimenta e PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *História e linguagens: textos, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006.

LOUREIRO, Kátia Afonso S. *A Trajetória urbana em Aracaju em tempos de interferir*. Aracaju: Instituto de Economia e Pesquisa - INEP, 1983.

MAGNANI, José Guilherme. *Da periferia ao centro: pedaços e trajetos*. *Revista de Antropologia*. Vol. 35. São Paulo: FFLCH/USP. Departamento de Antropologia, 2002.

_____. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, no. 49, junho de 2002.

_____. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 2. ed., São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. *Mystica Urbe*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

_____. *O xamanismo urbano e a religiosidade contemporânea*. In: *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, vol. 20, número 2, 1999a.

_____. MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. In: NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Disponível em: www.na-u.org/ruasimboloesuporte.html. Capturado em 14/01/2013. (*Versão revista e atualizada do artigo “A rua e a evolução da sociabilidade”, originalmente publicado em *Cadernos de História de São Paulo* 2, jan/dez 1993, Museu Paulista- USP)

MAGNANI, J. Guilherme & TORRES, Lilian. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996, 319 p.

MARICATO, Ermínia. *As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. Planejamento urbano no Brasil*. In: Otilia Arantes e Ermínia Maricato. *A cidade do pensamento único. Desmanchando conceitos*, Petrópolis, Vozes, 2000.

MAYNARD, Andreza e MAYNARD, Dilton. *Dias de luta: traços do cotidiano em Aracaju (1939-1945)*. OPSIS, Catalão, v. 9, n. 12. jan-jun 2009.

MELINS, Murilo. *Aracaju romântica que vi e vivi*. 3 ed. Aracaju: UNIT, 2007.

Mendoza, Edgar S. G. *Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950)*. Sociologias, Porto Alegre, ano 7, nº 14, jun/dez 2005, p. 440-470.

NOGUEIRA, Adriana D. *Patrimônio Arquitetônico e História Urbana: ensaios sobre o patrimônio arquitetônico de Sergipe e sobre a estrutura socioespacial de Aracaju*. São Cristóvão: Edufs, 2006.

NOGUEIRA, C. *A análise do discurso*. In: L. Almeida e E. Fernandes (orgs). *Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação*. Braga: CEEP, 2001.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

NUNES, Maria T. *Sergipe Provincial II (1840 – 1889)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

O'DONNELL, Julia. *De olho na rua: a cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org). *Cidade; História e Desafios*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas., 2002. 295 p.

OLIVEN, Rubem. *Antropologia dos grupos urbanos*. Petrópolis: Vozes, 1999.

PEIXOTO, Paulo. *As cidades e os processos de patrimonialização. A corrida ao estatuto de patrimônio mundial e a identidade simbólica das cidades*, In: PINHEIRO, Magda, BAPTISTA, Luís V., VAZ, Maria João (org.), *Cidade e Metrópole. Centralidades e Marginalidades*, ed. Celta, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Lugares malditos: a cidade do "outro" no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX)* - Rev. bras. Hist. vol.19 n.37, São Paulo Sept. 1999.

_____. *Era uma vez o beco: origens de um mau lugar*. In: Palavras da Cidade. Maria Stella Bresciani (organizadora). Editora da Universidade/UFRGS. Porto Alegre, 2001.

_____. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Rev. Bras. Hist., Jun 2007, vol.27, no.53, p.11-23.

PORTO, Fernando Figueiredo. *A cidade do Aracaju, 1855-1865: ensaio de evolução urbana*. 2 ed. Aracaju: Governo de Sergipe/FUNDESC, 1991.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1890-1930.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*, 1908. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000039.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2013.

ROLNIK, Raquel. *O que é a cidade? Coleção primeiros passos*, Brasiliense: 1994.

SAHLINS, Marshall. *O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um 'objeto' em via de extinção*. Editora Mana, 3 (1 e 2).

SANTOS, Osmário. *Novos Calçadões*. Infonet: 2009. Acesso em 22 de outubro de 2010. http://iaracaju.infonet.com.br/osmario/igc_conteudo.asp?codigo=15698&catalogo=5&inicio=19

SANTOS, Walderfrankly Rolim de Almeida. *MODERNIDADE E MORADIA: aspectos do pensamento sobre a habitação popular no processo de modernização das cidades sergipanas (1890 -1955)*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe/Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. – Vol. 40, n. 1 (2010) –. – Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2010.

_____. *Práticas e Apropriações do urbano na cidade de Aracaju*. Dissertação de mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente na UFS, 2007, p. 51-130.

SIEBER, Tim. *Rua da Cidade e Sociabilidade Pública: um olhar a partir de Lisboa*. In: CORDEIRO, Graça Índias e VIDAL, Frédéric (orgs.). *A Rua - espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

SILVA, José Calazans B. da. *Aracaju e outros temas sergipanos*. Aracaju: Governo de Sergipe – FUNDESC, 1992.

SILVA, Roberto José da. *Inferno urbano: estudo do espaço em Os Corumbas, de Amando Fontes*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária da UNICAMP. Campinas, 2005.

VELHO, Gilberto. *Antropologia urbana. Encontro de tradições e novas perspectivas - SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS*, n.º 59, pp.11-18, 2009.

_____. *Individualismo, anonimato e violência na metrópole*. In: Horizontes Antropológicos: A cidade moderna. UFRGS/PPGAS, 2000, ano 6, no. 13.

_____. *Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia das sociedades contemporâneas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *Trajetória Individual e Campo de Possibilidades. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.). *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VELHO, Otávio. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987.

WYNNE, J. Pires. *História de Sergipe (1930-1972)*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1973. V. 02.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

<http://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=39298>. Acesso em 24 de janeiro de 2010.

<http://www.agendaculturalaracaju.com.br/index.php?act=leitura&sec=1&id=636>. Acesso em 24 de janeiro de 2010.

<http://www.visitearacaju.com.br/interna.php?obj=artesanato&var=end>. Acesso em 24 de janeiro de 2010.

<http://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=39512>. Acesso em 24 de janeiro de 2010.

<http://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=39298>. Acesso em 24 de janeiro de 2010.

<http://www.samba-choro.com.br/noticias/arquivo/22983>. Acesso em 24 de janeiro de 2010.

http://www.jornaldodiase.com.br/viz_conteudo.asp?codigo=30122009859673539. Acesso em 26 de janeiro de 2010.

<http://www.infonet.com.br/analiborio/ler.asp?id=90295&titulo=analiborio>. Acesso em 26 de janeiro de 2010.

http://www.faxaju.com.br/viz_conteudo.asp?codigo=2910200911463941984. Acesso em 26 de janeiro de 2010.

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010320702003000100005&script=sci_arttext&tlng=en. Acesso em 26 de janeiro de 2010.

http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/downloads/docs/se_3_5_diagnosti_patrimonio_historico_100708.pdf. Acesso em 04 de outubro de 2010.

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/notasaopaulo.shtm>. Acesso em 14 de junho de 2013.